

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO
NACIONAL



NUM.
16-18
(3.^a SÉRIE).

: Director Literário e Gerente :

: : Mateus Moreno : :

: : : Director Artístico : : :

J. Saavedra Machado

ALMA NOVA

: : : Secretário Geral : : :

Rebello de Bettencourt

: : : REDACÇÃO : : :

: C. João do Rio, 8-1.º :

: : : LISBOA : : :

: : PROGRAMA : :

Contribuir para o ressurgimento nacional, despertando o culto das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas

DIRECTORES DE SECÇÃO:

Dr. Ascensão Mendonça (Ciências Naturais); Dr. Braga Paixão (Açores); Dr. Cláudio Basto (Minho); Eduardo Romero e Martinho da Fonseca (Pintura); Francisco Santos (Escultura); Francisco Valença (Caricatura); Jorge Segurado (Arquitectura); Tenente José Brandão (Douro); Dr. José Guerreiro Murta (Letras); Dr. José Gonçalves Santa Rita (Crónica Política e Social, e Colónias); J. Rodrigues Cosme (Teatros); Luís Chaves (Trás-os-Montes); M. A. (Modas); Dr. Maquias Pereira da Silva (Turismo); Nuno Cruz (Coimbra); Dr. Pedro Júdice e Samora Barros (Algarve); Dr. Teófilo Júnior (Pedagogia).

Representantes e Agentes nas principais cidades do País, Colónias e Brasil

III SÉRIE—N.º 13, 14 e 15 : : : JAN.-MARÇO de 1924

: : SUMÁRIO : :

<i>Receosa</i> , escultura de Júlio Vaz Júnior	37	Elementos de História Local: Santa Maria d'Paarom , por J. de Bivar Weinholz (com 3 fot.)	54
<i>Notas & Comentários</i>	40	Aspectos do Turismo: Os trajes regionais , por Alvaro V. Lemos	57
Figuras do mês: Filélio de Figueiredo , por M. M.	41	<i>O Convento de Tentugal</i> (Notas do Padre San-Miguel, por António João Afonso (c. 1 fot.)	58
<i>Asas que triunfam</i> (com 2 gráficos do «raid» a Macau e a volta ao mundo, e 1 fot.)	42	<i>Impressões — De Braga a Castro-Vicente</i> , por Guarany	59
Os nossos Poetas: Canção esquecida (inédito), de Afonso Lopes Vieira	43	Arte: Manuel Jardim , por Leticia de Vilhena Jardim (c. 1 busto por F. Franco)	60
<i>Almas Crepusculares</i> , versos de Valeriano de Campos (com uma notícia biográfica e retrato)	44	<i>Sociedade Nacional de Belas Artes — Vigésima primeira Exposição</i> , por Rebello de Bettencourt	62
<i>Soneto</i> , João Cabral do Nascimento; <i>Verdade</i> , Paulo Cavique	66	<i>Notas subsidiárias para uma Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra</i> , pelo ten. José Brandão	64
<i>João de Deus</i> , por Cruz Magalhães (c. r. e 1 il.)	45	<i>As Comemorações do «9 d'Abril» e o povo</i> (na Batalla, gravura)	65
<i>Planta e Alçado da casa onde nasceu João de Deus</i> , por Samora Barros	47	Musa alegre: Carta a um amigo e Companheiro d'escola , por José Osório	66
<i>San Bartolomeu de Messines, terra natal de João de Deus</i> , por Mauricio Monteiro (com 3 fot.)	48	Livros e Autores , referência crítica de M. M.	67
Epistolário: Teófilo Braga na intimidade — Duas cartas inéditas do ilustre professor , por Rebello de Bettencourt (c. 2 fot.)	50	Teatro: Originais portugueses e Companhias estrangeiras , por M. M.	69
A Mulher Portuguesa: V — A mulher do Douro , por Luís Chaves (c. 2 fot.)	52	A voz das provincias , por M. Silva	70

Em separata: *João de Deus*, inédito de Rafael Bordalo; *Fado*, para piano, por Belchior Júnior; *A ofrenda*, aguarela de Martins Barata.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal e Ilhas, Trimestre (3 n.ºs) 4\$00; Semestre (6 n.ºs) 8\$00; Ano (12 n.ºs)	15\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	20\$00
Brasil e restantes países (idem)	25\$00

NÚMERO AVULSO, 1\$50

EXPEDIENTE

Desejando a Gerência desta revista regularizar definitivamente a sua publicação mensal, a todos os nossos dedicados assinantes, amigos e cooperadores pedimos que satisfaçam adiantadamente as cotas das suas assinaturas, logo que lhes sejam apresentadas pelo cobrador, ou nos enviem pelo correio a respectiva importância (assim como quaisquer subsídios, anúncios, etc.), reclamando os exemplares que hajam porventura deixado de receber.

Aos que não desejarem auxiliar-nos com a sua assinatura, rogamos a fineza de nos devolverem os números em débito ou a sua importância. — O Administrador.

Propriedade e edição da Empresa Cooperativa de Arte e Publicidade "Ressurgimento,"

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

III SÉRIE — VOL. II

LISBOA — ABRIL-JUNHO DE 1924

NÚMEROS 16-18



RECEOSA—JÚLIO VAZ JÚNIOR

1.º PRÉMIO DE ESCULTURA NA XXI EXPOSIÇÃO DA SOC. NAC.
DE BELAS ARTES



NOTAS & COMENTÁRIOS



Ao correr dos meses

PORTUGAL que, pelos seus inegáveis recursos naturais e esplêndida situação geográfica, podia hoje ser um dos cantinhos mais prósperos e, conseqüentemente, mais pacíficos do globo, está a transformar-se, dia-a-dia, na mais odiosa e ignara selva. Não se passa um mês sem que o noticiário das gazetas não registre vários atentados pessoais, greves, ou tumultos. Uma verdadeira onda de sangue e de loucura, sabe, vai invadindo, parece querer estrangular o país inteiro.

As origens do mal, sabem-nas, porém, os governos — e sabe toda a gente. É por que não procuram, pois, saná-lo, — os governos? Porque não se lhes dá força — dizem. Eles não governam, por isso. Tentam apenas equilibrar a nave... e equilibrarem-se a si próprios no pedestal... Triste, miserável situação... para o país.

Mas não levemos a nossa injustiça a censurar apenas aqueles que não sabem ou não podem reprimir convenientemente os crimes, evitar a tempo as greves ou sufocar os tumultos; censuremos também, e principalmente, aqueles que, dizendo-se portugueses, provocam os referidos crimes e greves, com o impudor dos seus actos de insaciáveis, ou, na incompreensão dos seus deveres cívicos os fomentam com a própria covardia.

Luis de Camões

Toda a comemoração nacionalista que procure reacender ainda mais, se é possível, o divino culto de Camões, merece carinho e aplausos. Camões foi não só o nosso maior Poeta, mas um dos portugueses antigos mais entranhadamente Portugueses.

Lisboa, festejando de 8 a 14 de Junho a memória do glorioso épico, deu um exemplo de civismo muito para saúdar.

“9 de Abril.”

O significado mais alto das comemorações do 9 de Abril, no corrente ano, foi, sem dúvida, a consagração do obscuro e humilde cavador da pequenina aldeia de Valongo, do concelho de Murça e distrito de Vila Real, hoje “Valongo de Milhões”, — “o serrano de verdade que o *Diário de Lisboa* foi buscar lá acima, às ribas transmontanas, para o levar à jornada consagrada da Batalha, e sair dele o “sacrifício heróico de todos os valentes que lá fora se bateram para maior glória de Portugal.”

Antônio Augusto Melhaes, que assim se chama o bravo Combatente de “La Lys”, pôde desta forma ver confirmada, não só a grandeza heróica dos seus actos, mas ainda o sublime patriotismo de quantos que, tombando a seu lado, nunca se esqueceram de que eram Portugueses.

Ao soldado Milhões, que ostentava ao peito as insígnias de “Cavaleiro da Torre-e-Espada” (a mais alta condecoração que pode ser dada a um soldado) e a “Cruz de Leopoldo II da Bélgica”, foram-lhe dispensadas, tanto em Lisboa e no Porto, como no trajecto para a Batalha, e depois no de Lisboa para Valongo, as mais festivas e comovidas demonstrações de carinho.

Também por iniciativa do *Diário de Lisboa* foi aberta uma subscrição, a fim de lhe ser construída uma casa na sua terra natal — a Casa do Milhões —, tendo a subscrição rendido cerca de 20 contos.

Sobre a cooperação da mocidade nas consagrações do “9 de Abril”, escreve-nos o oficial do exército e ilustre advogado, Dr. Manuel Gomes dos Santos, presidente do “Núcleo de Ressurgimento Nacional”:

Mex prezado Camarada e Amigo: Tendo em vista a perfeita identificação que entre a Alma Nova e o “Núcleo de Ressurgimento Nacional”, existe, relativamente à celebração das datas gloriosas e dos heróis representativos das mais altas virtudes, entendi dever esclarecer o âmbito da organização da romagem patriótica à Batalha, que teve lugar no dia 9 de Abril.

O “Núcleo de Ressurgimento Nacional”, pela voz de artigos soldados da Guerra, vinha desde há muito concebendo a ideia duma romagem anual ao mosteiro de Santa Maria-da-Vitória — templo da Pátria —, como afirmação eloquente

da vitalidade da Raça, e mal se dirigiu à Liga dos Combatentes da Grande Guerra encontrou um tão carinhoso e solícito acolhimento que logo se constituiu uma comissão, composta dos Ex.^{mos} Coronel Manuel Ferreira (presidente), Comandante Afonso Cerqueira, Major Aragão, Faria Afonso, Silveira Leber, Zagalo Fernandes, e a minha humilde pessoa.

No relatório a que assistiu o Sr. Zagalo Fernandes (presidente da Federação Académica), este senhor informou a Comissão de que o *Diário de Notícias* o tinha lido e convidado para o mesmo efeito. Foi por isso que resolvemos, para coordenar esforços, pormo-nos em contacto com o *Diário de Notícias*, que desde logo lançou a ideia e fez a melhor propaganda.

Dentro dos estímulos oficiais, especialmente pela parte dos Ex.^{mos} Ministros da Guerra, Marinha e Instrução, do Ex.^{mo} Bispo de Leiria e dignas Autoridades de Leiria, da Companhia Portuguesa dos Cavaleiros de Ferro e Espinha Mineira do Lena, e de todas as pessoas a quem tivemos de nos dirigir, recebemos o concurso precioso que tornava possível o êxito de tão patriótico empreendimento.

Foi profundamente consolador para um militar humilde como eu, mas que devesse ao a sua Pátria, poder verificar que nessa época de comodismo e perversão ainda existem devotações Portuguesas a honrar a memória dos nossos heróis Antepassados.

Receba, meu caro Moreno, as protestos da minha consideração e solidariedade. Sem convicção etc. (a) Manuel Gomes dos Santos.

Ter Fé

Dentre os poetas novos que ao serviço das virtudes pátrias, e de olhos fitos num Portugal Melhor, têm posto o seu coração e o seu entusiasmo de crentes, o nome de Angelo César figura com superior relevo.

O seu último livro — *Aleluia* — é assim, não só a afirmação definitiva dos altos méritos do Artista, pela tessitura poética das composições, mas ainda e ao mesmo tempo, pelo verdadeiro fluxo de patriotismo que o anima, a plena rectificação dum juramento de Fé.

Funcionalismo Público

Por nos ter chegado tarde o anunciado artigo do nosso colaborador sr. F. Curmo e Cunha, só no próximo número continuaremos a debater este importante e momentoso assunto.

Pela mesma razão reservamos para o dito número um brilhante estudo do ilustre professor Dr. A. Reis Machado, sobre *Educação Portuguesa*, e outro do tenente-coronel sr. Ferreira da Silva sobre *A Artilharia no combate moderno*.

Para os mutilados da Guerra

Pela Comissão Directora do “Núcleo do Ressurgimento Nacional”, foi entregue ao presidente da agência em Lisboa da “Liga dos Combatentes da Grande Guerra”, a quantia de 210\$00 Esc., produto duma subscrição aberta por aquele “Núcleo” em 1921.

Apoiando o nosso programa

Entre muitas cartas de todos os pontos do país, e até do estrangeiro, saudando-nos pela orientação patriótica dada à *Alma Nova*, contam-se duas, que, sem nos envidoececer, particularmente nos sensibilizaram. Eis alguns trechos:

Inf.^a 25 — Coimbra, 14-1-924. — Meu caro Am.^o e Camarada. — As minhas mais sinceras felicitações pela maneira formosamente artística e heróica como saís o último número da nossa *Alma Nova*.

E uma revista à altura do seu título e digna dos espíritos de eleição que a colaboram. *Alma Nova*, prazente e formosa, se está delineando nos jovens da nossa geração, e esperanças acalentadamente redolentes animam o momento que vivemos. Ojalá que essa esperança, riqueza e formosamente promettedora, possa em breve castar um livro óptimo de brilho...

Estarei sempre convicção em tudo que seja para engrandecimento da Pátria e da geração que nos pertence... — Sempre em, etc. — (a) Horácio d'Assis Gonçalves, ten. do 23.

Porto, 16-3-924 — Ex.^{ma} Sr.: Envio a V. a quantia de 160\$00 para pagamento de quatro assinaladas anuais da *Alma Nova*, que terá a bondade de enviar para: Maria Irene Ramos de Sousa, Faro, e Justino da Silva Ramos, Joaquim Moreira, José de Carvalho e Matos Guimarães, Porto.

Ho mais tempo desajou escrever a V. neste sentido, mas esperava obter mais assinaladas, o que por enquanto não me foi possível. Do excedente da importância destinada a estas assinaladas disporá V. como entender, em benefício da *Alma Nova*.

Aproveito a ocasião para felicitar V. pelo interessante feição que tem sobido dar à *Alma Nova*, tanto na sua parte crítica e literária como artística.

Por isso, e porque insere, freqüentemente, colaboração de pessoas que tanto me fazem lembrar o meu querido Algarve, pôde V. contar que farei o que estiver ao meu alcance em favor da *Alma Nova*. — De V., etc. — (a) Branca Lopes.

FIGURAS DO MÊS:

FIDELINO DE FIGUEIREDO

PELA ponderação na análise, discernimento ideológico, espírito de penetração, ductilidade e saber, Fidelino de Figueiredo é hoje considerado o nosso primeiro crítico e historiador literário. E de facto, raros escritores têm conseguido, com a sua idade, pois apenas conta 36 anos, um tão importante e copioso cabedal bibliográfico nesse ramo.

Recordemos — *curriculum vitae* — algumas das suas notas biográficas, apreciando-o não só como escritor, mas ainda como professor e político.

Nasceu a 20 de Julho de 1888, em Lisboa, onde fez os estudos secundários e superiores, diplomando-se em ciências históricas pelo antigo Curso Superior de Letras (actualmente Faculdade de Letras). Escritor desde tenros anos, já então se tem revelado com alguns trabalhos de imaginação e notas críticas sobre várias obras literárias, inumerando-se, como dessa época: *Os Amores do Visconde* (1906); *Notas elucidativas aos poemas «Camões» e «Retrato de Vénus» de Almeida Garrett* (1906); *«Os melhores sonetos da língua portuguesa»* (de Sá de Miranda a João de Deus) (1907); *Sonetos* (prosas várias) (1908); *Os Hamletes* (1908); *Arte Moderna* (miragem crítica) (1908); *Antero de Quental* — a sua psicologia; a sua filosofia; a sua arte (1909), e *A Educação na futura democracia portuguesa* (1911). É a fase embrionária, ou, como diz o sr. Eduardo Moreira, *de formação do escritor*.

Em 1909, concluído o curso, entrou para o magistério e pertenceu ao quadro do liceu de Faro até 1914, ano em que veio transferido, por distinção, para a capital. Ingressando então na actividade política, exerceu várias comissões no Ministério da Instrução, e durante a presidência de Sidónio Pais é o chefe de gabinete e principal cooperador do ministro Dr. Alfredo de Magalhães.

Em 1918 é nomeado director da Biblioteca Nacional, cargo que abandona em 1919, por desinteligências políticas, dando conta da sua administração no relatório publicado com o título «Como dirige a Biblioteca Nacional».

Como político militante foi ainda, em 1918, eleito deputado presidencialista por Silves, e por duas vezes candidato a deputado por Lisboa (independente e monárquico), tendo à segunda perdido a eleição apenas por um voto.

Adentro do magistério tem marcado com bastante brilhantismo o seu lugar. Em 1919 foi proposto, por unanimidade, para professor da Faculdade de Letras do Porto, mas declinou. Igualmente por unanimidade, foi eleito em 1922 para professor da Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa. Recusando-se, porém, a apresentar um documento político, não foi nomeado.

Na sua *fase definitiva* de escritor, que começa em 1910, atestando-nos como crítico e historiador literário um labor



O ilustre historiador brasileiro e diáctico amigo de Portugal sr. Dr. Oliveira Lima, por ocasião da sua última visita a Lisboa, com os eruditos escritores portugueses sr. J. Lúcio d'Azevedo (à esquerda) e dr. Fidelino de Figueiredo (de pé).

Em 5 de Fevereiro do corrente ano e desta à Universidade de Washington, na América do Norte, foi inaugurada a «Biblioteca Ibero-Americana», doada por Oliveira Lima àquela Universidade, onde começará brevemente a funcionar uma cadeira de línguas portuguesas.

O sábio historiador brasileiro tem aos seus escudos que o acompanham na presente fotografia os seus maiores amigos no nosso país.

verdadeiramente notável, Fidelino de Figueiredo tem publicado:

O Espírito histórico, 3.ª edição (1910, 1915 e 1920); *História da Crítica Literária*, 2.ª edição (1910 e 1916); *A Crítica Literária como ciência*, 3.ª edição (1910, 1914 e 1920); *História da Literatura Romântica*, 2.ª edição (1913 e 1923); *História da Literatura Realista*, 2.ª edição (1914 e 1924); *História da Literatura Clássica*, 3 vols. (1.º em 2.ª edição, 1917 e 1922; 2.º, 1921; 3.º, 1924); *Características da Literatura Portuguesa*, 3.ª edição (1914, 1915 e 1923); *Estudos de Literatura*, 4 vols. (1921, 1922, 1923 e 1924); *Portugal nas Guerras Europeias* (1914); *Como dirige a Biblioteca Nacional* (1919); *Cartas de Menéndez y Pelayo a Garcia Peres*, esgot. (1921), e *Epicurismos*, ainda fresco dos prelos.

Em 1912 fundou a *Revista de História*, que dirige desde então e que já conta 12 importantes volumes, com colaboração de eminentes especialistas portugueses e estrangeiros, e em 1918 publicou uma *Antologia Geral da Literatura*

Portuguesa e um resumo escolar de literatura portuguesa — *Manual Escolar* — do qual saiu 2.ª edição em 1923 (1).

Alguns dos seus trabalhos estão traduzidos em inglês, francês e espanhol, e de bastantes colectividades estrangeiras tem recebido altas distinções. Em 1919, por exemplo, foi convidado a assistir à inauguração da *Biblioteca Menéndez y Pelayo* e a realizar aí uma conferência. Foi essa a origem da sua memória «Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses». Em 1920 foi igualmente convidado a visitar o Brasil, onde deu um curso de conferências sobre a literatura portuguesa do século XVII, e em 1922 pela Universidade de Londres, para ali fazer também quatro conferências sobre a história e literatura de Portugal. Estas conferências foram lidas na abertura do ano lectivo de 1923-1924, pelo professor Edgar Prestage e estão sendo publicadas em inglês, no Rio-de-Janeiro, já havendo saído duas em francês, na revista *Lux*, de Paris.

O Dr. Fidelino de Figueiredo é professor honorário da Faculdade de Letras do Rio-de-Janeiro; sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1915; do Instituto Histórico do Rio-de-Janeiro; da Academia Real de História de Madrid; da Sociedade Menéndez y Pelayo; da Sociedade dos Humanistas de Liverpool, etc. Como historiador e crítico literário, não pode deixar de merecer a nossa admiração e o aprêço de todos.

MATEUS MORENO.

(1) Todas as edições do Dr. Fidelino de Figueiredo são de 3.000 exemplares, não sendo incluídos neste número os de propaganda e ofertas.

ASAS QUE TRIUNFAM



BRITO PAIS E SARMENTO DE BEIRES E A SUA GLORIOSA VIAGEM LISBOA-MACAU

GAGO Coutinho e Sacadura Cabral, dois ilustres oficiais da nossa armada, abrindo as naveas aéreas o novo caminho do Brasil, recordaram na alma portuguesa o nobre espírito de aventura que a caracteriza. O gesto de Sarmiento de Beires e Brito Pais, dois outros valentes oficiais do nosso exército, são a melhor confirmação dessa resiliência. Os seus nomes andam por isso de boca-em-boca, como um estímulo clássico da raça, e junto dos seus corações, erguendo-os para mais alto, sente-se o latejar ansioso de todos os corações portugueses. Eles não são já simplesmente dois navegadores que de novo se aventuram, como outrora, aos perigos e incertezas do desconhecido, — eles levam consigo toda uma Pátria, eles são Portugal inteiro!

Sarmiento de Beires e Brito Pais, não são, além disso, duas figuras da nossa aviação tornadas opor célebres pela brilhante iniciativa da sua viagem Lisboa-Macau. As suas provas como militares e como aviadores eram já das mais honrosas e as suas fúrias de serviço orgulham qualquer oficial.

Sarmiento de Beires (José Manuel...) conta apenas 30 anos: vai fazer 31 em 4 de Setembro próximo. Nasceu em Lisboa, em 1895 e alistou-se, voluntariamente, no Regimento de Cavalaria 9, tirando depois na Escola de Guerra o curso de Engenharia Militar. Promovido a alferes em 1916, fez a grande guerra e como o seu companheiro, tem o posto de capitão.

Brito Pais (António Jacinto da Silva...) nasceu em Colos (Alentejo) a 23 de Julho de 1884 e tendo sido recrutado para o Batalhão de Cavalaria 3, veio depois cursar Infantaria na Escola do Exército. Estive nas operações do Sul de Angola, em 1914-1915, e no C. E. P. em 1917-1918. As medalhas que ostenta no peito pode apontá-las com orgulho, porque foram merecidas.

Ambos são, pois, militares de lei e que tinham também já, como aviadores, as suas provas mais brilhantes. Beires é não só um piloto experimentalista e seguro, mas ainda um sábio observador. Os seus cálculos raramente falham. Nas aterrages é dum sangue frio e duma destreza inconfundíveis. Na sua li-

ha de experiências, diz o comandante da Aeronáutica, sr. Major Cilha Duarte, não se conta um único desastre.

Brito Pais, o comandante do aparelho, piloto também com invulgar sangue frio e destreza. Corajoso, firme, resolutivo e indomável, a sua vontade é quasi sempre cumprida com êxito. E — illa da sua vontade — com êxito o será também esta gloriosa viagem, que ele e Sarmiento de Beires, destituídos de toda a protecção e até quasi do consenso dos poderes públicos, heróicamente resolveram empreender.

Boa-hajaz, pois!



BRITO PAIS E SARMENTO DE BEIRES
a bordo do avião "Pátria", antes de partirem para a sua viagem

Quasi á mesma data da partida dos aviadores portugueses, foram iniciadas, por aviadores doutros países, as seguintes expedições aéreas:

Americana, para a volta ao Mundo, em 17 de Março; Inglesa, id., a 25 de Março; Francesa, Paris-Tóquio, a 24 de Abril.

Todas estas expedições são patrocinadas pelos governos dos respectivos países. Os aviadores portugueses partiram de Vila Nova-de-Mil Fontes em 2 de Abril, num aparelho «Firegut» modelo antigo, que teria, com geral assombro, feito, talvez, toda a viagem, se um ciclone, na Índia, o não houvesse destruído. Para a construção da assustadora empresa foi adquirido, por subscrição nacional, um aparelho de tipo moderno, que os ilustres aviadores baptizaram com o nome de «Portugal». Lisboa, Maio de 1924.

M. M.



Traçado da viagem aérea de circumnavegação que os heróicos aviadores
Gago Coutinho e Sacadura Cabral se propunham realizar



NOSSO POETA.



CANÇÃO ESQUECIDA

(INÉDITO)

Ruas onde a erva cresce...
Tudo adormece e parece
que o tempo fica e se esquece
de andar.

E as pedras das calçadas
quando se sentem pisadas
acordam muito admiradas,
a olhar.

Acordam, ficam olhando
o silêncio que, passando
ao fundo, vai bocejando
também.

Almas onde o ermo cresce...
Tudo se esquece e parece
que a morte saudades tece,
de além...

1918.

AFONSO LOPES VIEIRA.

VALERIANO DE CAMPOS

O capitão de artilharia a pé sr. Valeriano de Campos e Sousa é não só um devotado e ilustre oficial do nosso exército, mas ainda um dos mais talentosos escritores da nova geração. Como poeta, trabalha com profundidade principalmente o soneto, e em prosa publicou recentemente uma evocação dramática de



VALERIANO DE CAMPOS

Sóror Mariana Alcoforado — *Chama de Angústia* —, que é talvez uma das melhores peças literárias até hoje escritas sobre a grande amorosa portuguesa. Além deste, tem publicado os seguintes trabalhos: *Frêmitos de Chama* (poesia), *Palavras Piedosas* (prosa), *No Turbilhão Vermelho* (prosa) e *Jardim Interior* (sonetos).

ALMAS CREPUSCULARES

A meu irmão EMÍLIO DE CAMPOS.

*Repara como é triste, ô meu irmão,
quando, pródiga e ardente, canta a Vida,
ver passar ante nós a multidão
desfigurada e lúgubre, perdida.*

*Como nos causa frias amarguras,
entre os belos tesoiros que flamejam,
o desfilar cruel das criaturas
que nem a morte já sequer desejam.*

*Olhos inertes, lábios sem murmúrio,
vagas almas de dor, crepusculares,
como um clarão fadido e purpúreo
na derrocada lenta dos altares.*

*O' meu irmão, repara como é triste
a cada passo vemos gente nova
descrer do bem, de tudo quanto existe,
da própria dor, do mal que se renova.*

*Ah! se eu pudesse um dia avigorar
os outonais e dêbeis corações,
e, cheio de fervor, ressuscitar
naquelas almas claras ilusões...*

*Mas não... Eu sei que é pobre a minha voz,
e embora cante em mim o pensamento
perdem-se os versos meus, porque — ai de nós —
quasi ninguém nos ouve um só momento.*

*E tu? ¿Porque não crias com amor
uma estátua soberba de vitória,
como um grito veemente no palor
que verga cada face merencória?*

*— Audaz figura bela e triunfal,
nascida do cinzel da tua esp'rança:
uma energia intrépida e vital
e um cândido sorriso de criança.*

*— Ergue-a depois bem alto, ao espaço azul,
e a multidão, cuja alegria é fátua,
de rastos pelo misero paúl,
há-de olhar com assombro a tua estátua!*

*Ergue-a bem alto, à luz oblíqua e frouxa,
nas almas de clarões crepusculares,
para que a sombra agigantada e rûxa
se alongue na ruína dos altares...*

(Do livro a publicar — *Sinfonia do Amor e de Vitória*).



VALERIANO DE CAMPOS.

RECORDAR... REVIVER

JOÃO DE DEUS



João de Deus

A respeito de João de Deus está tudo dito, e tudo... foi, é, e será sempre... muito pouco!...

Nestas breves notas, longe de mim a ideia de fazer crítica à obra admirável do Poeta insigne e do pedagogista exemplar, nem sequer de exaltar a sua boníssima alma simples e acolhedora. Não! Procuro somente prestar uma singela homenagem, referindo casos curiosos, alguns inéditos.

Publicou-se na Escola Académica, há bons quarenta anos, um jornalzinho, *O Arquivo Académico*; os estudantes-jornalistas, todos admiradores de João de Deus, quiseram comemorar com um número especial o aniversário natalício do sublime lírico e benemérito evangelizador.

Luís Calado Nunes procurou o glorioso português para que se dignasse colaborar! João de Deus, alma feita de luz, de doçura e de bondade, esqueceu prontamente ao pedido. Estreitaram-se as relações entre ambos.

Pouco tempo depois, morava o Poeta na rua de Santo António, à Estrela, levou-me Luís Calado a casa do divino lírico. As visitas amudaram-se, e João de Deus, todo ele rara benevolência, recebia-nos sempre com familiar amabilidade.

Num arrôjo infantil, pedi ao Mestre para me rever as *Manhãs de Inverno*, livrinho de insignificâncias métricas! Acedeu o pacifíssimo santo, verso a verso se discutiram as *Manhãs!!!* que eu, na minha inconsciente ingenuidade, discutia!!! Lembra-me muito bem até que numa noite, tratando-se da vida eterna e da existência de Deus, o boníssimo e amorável Poeta cortou a conversa, sem nenhuma espécie de azedume, dizendo: — olhe, meu amigo, eu tenho as minhas crenças e desejo morrer com elas.

Cai em mim, deslizo-me em desculpas... o incidente terminou. Salta-me dos bicos da pena uma anedota, que se afirma ter sido passada entre João de Deus e Antero do Quental: os dois luminários da literatura portuguesa discutiam, alta noite, em Coimbra, a

existência de Deus, e brotavam chispanes os argumentos daqueles dois potentíssimos cérebros; deambulavam um tanto sonolentos aos primeiros vislumbres da madrugada, quando João de Deus se sou com esta: — olha, Anfero, consente na existência de Deus, ao menos para que eu me não fique chamando simplesmente João!...

Uma noite perguntou-nos, o querido Poeta, se não conhecíamos uma quadra em voga, feita por um dos redactores do antigo *O Pim-pão*, a respeito de um actor de nomeada. Respondemos que não. — Pois olhem que tem muitíssima graça!

Tentou lembrar-se, fez os maiores esforços, mas não lhe ocorria! Luis Calado, solícito, pediu ao venerando apóstolo da Instrução e do Bem que não se fatigasse. Concordeu. No decorrer da noite várias vezes diligenciou recitar-nos a quadra... e nada! Já na escada, alumiando a mãe com a vela, mais uma vez, indo já nós no palamar inferior, João de Deus procurou recordar-se... nada!

Seimos para a rua e comentávamos a uma boa centena de passos a teimosia do Poeta em querer dizer-nos a quadra, e a maior teimosia ainda da memória dele, quando ouvimos abrir-se com estrondo uma janela e aquela grola voz amiga do inspirado lirico chamar-nos!

Voltámos atrás, correndo, nós da rua, ele de cima: surge a quadra! Desflegámos em duas vibrantes gargalhadas, e João de Deus, da janela, interessado: — é boa, não é?!

— É ótima!...

Agradecemos. A janela fechou-se.

Sempre que íamos a casa do complacente e amável amigo, era certo apressar-se o enlucador lirico a ir acender as velas do piano para ouvir o Luis. As nossas visitas eram sempre nocturnas. Uma vez, depois de satisfeito o desejo musical, foram chegando outras habituais visitas. Após várias lamentações de quesi todos pela apatia em que o Poeta se deixara afundar, sendo certo que raras vezes saía de casa, João de Deus protestou mansamente: — não é tanto assim; eu hoje passei um bocadinho.

Espanto geral! E todos perguntaram atenciosos: — então onde foi? conte lá!

João de Deus, imperturbável: — andei à roda desta mesa, foram umas poucas de voltas! Indicava a grande mesa em que trabalhava, quasi sempre repleta de livros e de papéis.

Era extremamente afável, grande cavaqueador, raramente excedia o diapason normal da fala, sempre insinuante, meiga, adorável. Envergava, as mais das vezes, um casaco coadadíssimo. Fumava amide, batendo o cigarro, na posição em que Rafael Bordalo Pinheiro flagrantemente o desenhou. O pouco dinheiro andava aos moninhos sobre os móveis.

Tinha ingenuidades deliciosas. Conto-se que estando doente a esposa desvelada do Poeta, e batendo à porta a peixeira, João de Deus fôra solicitado para ir comprar uma pescada. Anuiu. — Então, quanto custava a pescada? — Quinze tostões. — O' mulherzinha, isso não será caro?! — Caro? É uma pescada d'este tamanho, que vale aos olhos fechados muito mais?! —

João de Deus, confuso, largou as três cores.

Pouco tempo decorrido, a bondosa esposa chama ao quarto João de Deus: — O' João, pois tu vais dar quinze tostões por uma pescada, que não vale seis vinténs?!... — Então, que queres tu, o peixeira parece que estava convencida de que ela valia muito mais!...

Os primeiros tempos, em Lisboa, decorreram amargos para o amorável Poeta! Sufocou-os com evangélico estoicismo.

Frequentava à noite uma tabacaria da rua da Prata, esquina da Praça da Figueira. Num inverno rigoroso o irmão padre do Poeta notou-lhe a escassez do vestuário e perguntou-lhe se não sentia frio. João de Deus respondeu prontamente que não, nenhum frio, absolutamente nenhum. Até achava a temperatura muito agradável!

O padre compreendeu. Dias depois levou João de Deus a um alfaiate, parece que na antiga rua dos Albigibebes, hoje de San-Julião, e comprou-lhe um casaco de abalo, a pesar dos protestos do Poeta por tal inutilidade!...

Note-se que João de Deus dedicava ao irmão mais velho uma respeitosa estima.

O Poeta apareceu algumas noites

confortavelmente envolvido no seu casaco, mas... breves dias passados, numa noite frígida a valer, não contando encontrar o irmão, apareceu de corpinho bem feito. Naturalmente o padre perguntou-lhe a razão daquela ausência de abalo... — é que acho a noite quente, mano.

O peor foi que o casaco desapareceu de vez, e que o mano padre se agasleu e pediu explicações.

O compassivo Poeta explicou então que um fulano qualquer, conhecido de ambos, andava rolinho a firlar de frio... ora o mano bem sabe, eu é coisa que não tenho. Frio! Que ideia! Até ando sempre encalorado!...

Não sei se o mano padre lhe comprou outro casaco, cuido que não.

Foi muitas vezes importunado para escrever poesias em albums, ou para os ilustrar com seus afamados desenhos. Uma vez pediram-lhe que desenhasse um Cristo crucificado. Como não sabia dizer que não, disse que sim. Passados tempos foram pelo Album, estava em branco; repeliu-se a scena no decorrer de meses e sempre o Album na mesma, até que as instâncias se intensificaram e João de Deus tomou o compromisso decisivo de ter o desenho pronto em certo dia. Chegado ele, alguém lembra ao Poeta a promessa feita, estava quasi a chegar o pretendente, o grande lirico fez uma cruz simples no Album, fecha-o, embrulha-o... entrega-o!

No dia seguinte o dono, ou dona, do Album procura o Poeta e lamenta-se da falta do Cristo, o desenho não estava completo!... João de Deus não se desconcertou: — então eu completo. Pediu o Album e escreveu por baixo: 'ressurrexit non est hic'.

Destas anedotas haverá centenas todas comprovativas de que João de Deus possuía uma alma cândida, ingenua, compassiva, bondosa em toda a extensão da palavra.

Na obra gloriosa de João de Deus, que muitíssimo concorreu para a possível extinção da chaga do analfabetismo, deparam-se-nos alguns epigramas acerados, algumas sátiras vibrantes, que não são atributos beatíficos. Ora, eu chamei, e confirmo a opinião, pacien-tíssimo tanto ao amorável lirico... santo, humanamente falando...

Fez trágicas epigramas, jocuosas sátiras... é que atrainhamos censores do método, invejosos e malevolentíssimos, lhe azedaram a santidade...

Em Março de 1895 realizou-se a apoteótica sagração do Poeta, um ano depois o cadáver do glorioso João de Deus entrou solenemente nos Jerónimos; lá espera ainda, quasi trinta anos volvidos, a consagração póstuma devida: um mausoléu artistico, simbólico, condigno de tão grande vulto, duplamente respeitável pela suavidade amorosa e excelsa do estro e pela benéfica, pelo benemérita acção, que exerceu na instrução infantil e popular! Com mágoa se pode afirmar que este derradeiro preito nunca chegará a efectivizar-se para vergonha nacional! Impunha-se também que se lhe erigisse um monumento em qualquer jardim público, deveria talvez ser preferido o da Estrela, próximo do qual o Poeta do Amor e da Bondade largos annos viveu. Também não ficaria mal no Campo Grande, pelo nome tão rememorativo das Flores do Campo, título duma das primeiras edições dos primorosos versos do Poeta.

Sugeri uma coisa simples a um escultor astuto: um plinto florido, subjacente ao busto de João de Deus, em volta, uma roda de crinichas, de mãos dadas, num misto de adoração e de folguedo; pelo chão flores do campo esparsas, junto ao plinto alguns volumes da *Cartilha Maternal*.

A magreza figura no 'Museu de João de Deus'; assim houvesse inicialiva particular, camarária e do Governo, que pudesse erigir tão modesto quanto justificável monumento.

CRUZ MAGALHÃES.

LENDAS DO ALGARVE (AS MOURAS ENCANTADAS)

Notas póstumas de
ATAÍDE OLIVEIRA

É, definitivamente, ao próximo número que iniciaremos a publicação destes preciosos contos do erudito investigador algarvio, de quem também publicaremos das cortas que com os mesmos nos foram dirigidas.



JOÃO DE DEUS

(Apontamento de Rafael Bordalo Pinheiro)



JOÃO DE DEUS — Desenho
 inédito do Museu Rafael Bordalo
 Pinheiro, Campo Grande n.º 362 —
 Lisboa.

PLANTA E ALÇADO DA CASA ONDE NASCEU O POETA, SITUADA NO LARGO DENOMINADO "CAIS DE CIMA", NA POVOAÇÃO DE SAN-BARTOLOMEU DE MESSINES.—SEGUNDO INFORMAÇÕES COLHIDAS ENTRE INDIVÍDUOS DA LOCALIDADE, QUE O CONHECERAM, PELO NOSSO REPRESENTANTE ARTÍSTICO NO ALGARVE E ILUSTRE ARTISTA SAMORA RAMOS.

47

SAN-BARTOLOMEU DE MESSINES

TERRA NATAL DE JOÃO DE DEUS



Visão geral da povoação

A O lembrarmos-nos de arquivar na *Alma Nova* algumas notas sobre a pitoresca povoação onde nasceu e durante muitos anos viveu o príncipe dos poetas líricos portugueses, não foi nosso intuito apresentar uma monografia da mesma, mas simplesmente arquivar algumas impressões locais. Para no-las transmitir, ninguém com mais autoridade do que o dedicado messinense, advogado e também jornalista Dr. Maurício Monteiro. A este, pois, nos dirigimos:

«Messines deve ser — escrevo-nos — uma povoação bastante antiga. Segundo os historiadores gregos — Strabão, Heródoto e outros — parece fora de dúvida que os turdetanos — o povo mais culto e progressivo da península, tão culto que as suas leis reguladoras eram escritas em verso — estiveram no Algarve em busca das suas riquezas minerais.

Ora, uma das regiões mais ricas em ferro, cobre e outros metais, era San-Bartolomeu de Messines, como atestam os vestígios de minas exploradas nos subúrbios desta povoação e pró-

ximo dos sítios denominados Amorosa, Messines-do-Cima, Monterroso, Picalto e Santo Estêvão, cerca de Silves. Estudos feitos em objectos aí encontrados revelam civilizações de povos muito anteriores aos árabes, a quem é já pecha atribuir no Algarve tudo quanto é antigo.



Interior da igreja paróquia de Messines, onde foi baptizado João de Deus

Messines é hoje uma das mais ricas e florescentes freguesias do país. Os seus terrenos à quem da serra são fertilíssimos e já bastante arborizados, predominando a amendoeira, a alfarrobeira, a figueira e o sobreiro. A sementeira do trigo vai também aumentando à medida que o lavrador vai ajuntando capitais para limpar os extensos barrocais coalhados de pedras — o que tem sucedido nestes últimos anos de bom preço dos frutos secos de exportação. Ultimamente têm-se desenvolvido as indústrias da cortiça, da moagem, da fabricação de azeites e outras, aumentando e desenvolvendo-se de ano para ano o número de casas comerciais.

Servida por estradas que a ligam com Silves, sede do con-

celho e comarca, a 17 quilómetros, e com Algôs, Alto, Santana da Serra, San-Barnabé, e outras povoações, e tendo a poucos metros a estação do Caminho de Ferro, não só aqui se vêm abastecer os habitantes das freguesias limítrofes, mas até uma grande parte do povo da serra, mais próximo de Messines do que de Almodôvar e Ourique.

A sua população actualmente não é inferior a 12:000 h., desenvolvendo-se de ano para ano a povoação, com a abertura de novas ruas. Há em projecto uma avenida ligando a aldeia com a estação do Caminho de Ferro.

A tradicional riqueza mineira da freguesia de Messines não deve ainda hoje considerar-se extinta. No sítio denominado *Monte do Boi*, a pequena distância da povoação, há uma pedreira de mármore vermelho, cuja beleza de tons, que se podem admirar no púlpito existente na igreja matriz e numa mesa da sacristia da mesma igreja, é deveras notável. Esta simples circunstância tornaria digno duma visita o referido templo. Tanto a mesa como o púlpito são artisticamente trabalhados, e a variedade de cores e de veios de que a pedra é formada tornam-os ainda mais artísticos e raros.

Muito convinha continuar a exploração da referida pedreira.

Messines, encostada ao *Penedo Grande* (um monte de 233^m de altitude, dendo se disfruta uma vista soberba, abrangendo toda a serra que divide o Algarve do Alentejo e todo o imponente dorso da serra de Monchique até ao mar), dá-nos, vista do comboio, com as suas casas muito brancas destacando-se do fundo acinzentado dos sobreiros e oliveiras do *Penedo Grande* e do avermelhado e verde-escuro dos barros das courelas e das hortas que a circundam, uma impressão deliciosa de frescura e de cor.

Abrigada dos ventos do norte por essa linha de cumeadas que separa o Algarve do Alentejo e dotada dum esplêndido clima, constitue esta freguesia um belo refúgio, no verão. É fresca e não tem as humidades nem as fortes alternativas termométricas diárias de que enfermam muitas outras localidades de igual altitude.

Um bom hotel, colocado a meia encosta do *Penedo*, seria um poderoso incentivo de atracção turística; e lá no alto ficaria à maravilha um campo para jogos e passeios, donde se pudesse contemplar soberanamente a serra, os barrocaes cobertos de amendoeiras, que lhe correm no sopé, o



Casa de S. B. de Messines onde viveu João de Deus e onde erradamente foi colocada uma lápide, designando ter sido ali que nasceu o Poeta.

ao fundo a vasta orla marítima, tão deliciosa e caprichosamente recortada!

Depois, nesta freguesia abundam ainda as águas alcalinas e férreas, bastante apreciadas pelos visitantes e possuidoras, algumas, de belas qualidades terapêuticas, demonstradas em várias curas do estômago. As da *Fonte Ferrenha*, na serra, e as da *Horta de Cima*, próximo da povoação, são águas a que se impunha uma análise, para efeito da sua exploração industrial.

Uma das velhas aspirações da população culta de Messines é a construção dum Jardim-Escola em homenagem ao seu ilustre filho — João de Deus.

O autor destas linhas agitou a ideia no jornal silvense *A Voz do Sul*, de que foi director, tendo proposto na Junta Geral do Distrito, da qual fez parte, a criação da verba precisa — o que foi aprovado. As Juntas posteriores preferiram, porém, aplicar a verba a bodos políticos, e tal homenagem naufragou no *mare-magnum* do desleixo nacional. Messines tem, todavia, tarde ou cedo, de levar a efeito tal homenagem, não só a mais digna e útil como tributo de gratidão, mas a mais nobre e a mais consentânea com o modo de ser íntimo do imortal Poeta e Pedagogo que foi João de Deus.»

EPISTOLÁRIO

TEÓFILO BRAGA, NA INTIMIDADE

DUAS CARTAS INÉDITAS DO ILUSTRE PROFESSOR

TEOFILO em vida mal julgado foi por seus contemporâneos. Seus admiradores louvaram-lhe demasiadamente os méritos, esquecendo-se de todos os seus defeitos, ao passo que os inimigos, como uma legião de honra, apontaram todas as falhas da sua obra vastíssima e negaram as virtudes da sua forte inteligência. Naturalmente a inteligência de Teófilo havia de pecar, tendo surgido em pleno constitucionalismo político, na sua fase dissolvente.

Teófilo notou logo a falta dum ideal superior que encaminhasse a Pátria para um destino mais alto. Quando toda a gente perdia a fé num futuro melhor, quando o próprio Alexandre Herculano, desiludido dos homens,



UMA FILHA DE TEÓFILO BRAGA

(Este retrato tem no verso a seguinte dedicatória: «A sua irmã D. Maria José da Camara Braga, offerecem este retrato de sua sobrinha Maria da Graça Xavier Braga.»)

D. Maria da Camara Xavier Braga,
Theophilo Braga, «.)

4/11/81.

dizia que isto dava vontade de morrer,—Teófilo Braga teve uma formosa virtude: a de acreditar num destino mais alto da nossa nacionalidade. Como um protesto contra a política dissolvente da sua mocidade, nasceu o seu republicanismo sincero.

A sua velhice é que veio provar a sinceridade das suas ideias políticas,—pois que até ao último dia da sua vida, Teófilo foi sempre um descontente e um revoltado.

Esta carta que vamos transcrever agora —e que foi provavelmente escrita em Junho de 1870 a sua cunhada, viúva de João, irmão mais velho,—vem revelar o carácter de Teófilo, tão injustamente julgado.

Eis a carta:

Minha Ex.^{ma} Cunhada.

Recebi a sua estimavel carta de 27 de Maio, na qual me consulta acerca da sua petição como viúva de um militar morto em campanha; eu já perguntei a muitos militares com quem tenho conhecimento se era possível conseguir tão justa pretensão. Fiquei admirado quando me disseram que não! Fiz notar que meu irmão morrera em ultramar, servindo a patria, e que se havia alguém com direito de deixar protegida a sua família, elle era. A isto objectaram-me, que meu irmão, só tinha direito a deixar protegida a sua viúva, no caso de ter sido mandado para ultramar; mas que elle fôra voluntariamente, e com vista de accesso na sua carreira militar.

Tudo isto não passa de excusas dadas por um governo desmoralizado, que não governa, mas sómente explora a nação. A mudança de governo nada faz para augmentar as esperanças de conseguir a devida pensão. Mas como n'este paiz se faz tudo, mesmo o que ha de mais escandaloso e injusto, parece que se não deve desesperar de conseguir uma coisa tão pequena, e demais a mais de uma absolutissima justiça. Em Outubro proximo vou a um concurso da Universidade; se ficar provido, então estarei em Lisboa alguns mezes, e esgotarei todos os meios para vêr se se consegue justiça. Por cartas é que nada se faz, porque a gente de Lisboa não se move senão por dinheiro, e não com razões.

Agradeço as boas palavras com que V. Ex.^a me consola pela morte de meu pae; por tudo me confesso grato, e aqui fica ás suas ordens o seu

cunhado e criado obrigado

Theophilo Braga.

Rua do Almada n.º 298.

Esta outra carta, que ainda se refere à injustiça da recusa do Governo em proteger a viúva do irmão morto em campanha, e que dá conta do que foi o seu concurso à Universidade de Coimbra, termina, porém, com uma nota de ternura. Teófilo participa a sua cunhada o nascimento de sua filha Maria da Graça:

Porto, 13 de Maio de 1871.

Ex.^{ma} S.^{ca} e minha cunhada.

Todas as vezes que recebo carta de V. Ex.^a me lembra esse desgraçado irmão que amei por causa da sua bella alma, e por o ver como uma vítima de quem lhe escangalhou o seu futuro. Bem quizera honrar a sua memoria protegendo a sua diligente companheira e innocente filha; tinha grandes esperanças no meu concurso da Universidade, e contava subir a esta posição para ser sercido. Foi tratado entre homens que se dizem de sciencia, do mesmo modo que meu irmão entre os selvagens de Tete; nunca se fez na Universidade uma tão negra injustiça: ficaram outros, apesar da Universidade me ter convidado para tomar capello, e de reconhecerem publicamente que eu andei melhor do que todos. Como se explicará este absurdo? Além da grande corrupção que por aqui reina, ha tambem a circumstancia de ninguem depender de mim, e então não me servem. Em todo o caso entendo que seria bom renovar o pedido ao rei, até que eu possa conseguir alguma coisa.

Aproveito este ensejo para lhe dar parte de que tenho uma filha, que nasceu no dia 22 de Fevereiro de este anno; é muito saudavel, chama-se Maria da Graça. Muitos beijos na minha sobrinha e creia-me sempre

Rua do Almada
n.º 298.

Cunhado respeitoso e sincero

Theophilo Braga.

Num país tão perdulário como o nosso, de admiração foi para todos a conhecida sovinee de Teófilo. Mas devemos atender a que Teófilo era pobre, e que, se não fôsse a sua avareza, ele não teria chegado ao que foi.

Ficou-lhe o feitio de poupar para toda a vida. Não foi, todavia, mesquinho. Não é mesquinho quem trabalhou tanto como ele de graça, quem como ele escreveu tantas páginas sem receber um vintém.

A carta que segue assim o comprova ainda. Dirige-a Teófilo ao sr. João Carlos Machado, genro da sua única irmã sobrevivente, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria do Espírito Santo Braga George. Teófilo Braga faz a doação duma pequena quinta que lhe coubera por morte do pai, e de que nunca quis tomar posse, para que ela ficasse a favor de suas irmãs.

Timbro da
FACULDADE DE
LETRAS

Lisboa, 30 de Dezembro de 1922.

Ex.^{ma} Sr. João Carlos Machado.

Em cumprimento das suas indicações para se fazer a escritura de doação a minha irmã e sua sogra a Senhora D. Maria do Espírito Santo Braga George, remeto inclusa a respectiva procuração com todas as formalidades essenciaes de Direito e para completar o meu pensamento peço que apresente as minhas felicitações do ano novo a minha irmã. Também peço que comunique ao sr. Comendador Francisco de Medeiros Galvão que está realizado o nosso intento.

Lisboa, Abril de 1924.

REBELO DE BETTENCOURT.

De V. Ex.^a

Com toda a consideração e estima

Theophilo Braga.



TEÓFILO, aos 10 anos, entre os seus irmãos
Luís (esquerda) e João (direita)

A MULHER PORTUGUESA (1)

V

A MULHER DO DOURO

Por LUÍS CHAVES

— Fui ao Douro à vendima
Não achei que vendimar:
Vendimaram-me as costelas,
Foi o que lá fui ganhar.

(Vila Real).

DOURO — aqui não é o rio, nem é tampouco a região político-administrativa, que reúne em si arbitrariamente boas terras do Baixo-Minho e boas terras das Beiras. Não constitui descobrimento de «amigo Banana», mas poderá chamar a atenção do observador para a lógica de «Banana» que teve o videirismo liberal na divisão nova da terra portuguesa.

Própriamente o Douro não é uma região característica e à parte. O rio, que separa primeiro Portugal do seu vizinho do Oriente, divide ao depois Trás-os-Montes e o antigo Entre-Douro-e-Minho pelo Norte, e as Beiras pelo Sul. Até a própria nomenclatura de Entre-Douro-e-Minho definia toda a região que hoje, em distinções distritais, se divide pelo Minho e pelo Douro. A região duriense é pois uma faixa de uma e outra margem do rio, embutido de bocados de cada província de essas.

O rio corre lá no fundo, entre alcantis rudes em que as águas espessas correm barrentas. Fragas duras emergem da água, e há espumas brancas a rendilharem debruados na pedra. Os montes sobem, a comêgo cobertos de zambujeiros e urze, para as províncias limítrofes. Guindam-se ao Pocinho, trepam o Tua, calcurriam o Corgo, arrastam-se para Lamego. Sobem. É uma escalada.

Mais adiante o Pinhão; o éden da Régua, onde o Douro se espalha, amansa, e, como selvagem domesticado, se revê na paisagem de presépio que encontra; é um encanto à vista depois, depois da bruteza ferina do rio atrás; belo oásis no rio todo, logo adiante cheio de golas, rápidos, penedos.

Já então as vertentes se rasgam em anfiteatro, como se a terra se dispusesse melhor para toda ela, ela toda, ver bem o rio que é sua riqueza e vida. E ele passa lá



VENDIMEIRA
(CALDAS DE MOLEDO)

em baixo, rude, bruto, soldado que vem da guerra com fumos de herói, e vai e passa em parada a mostrar-se às multidões. São taboleiros sobrepostos monte acima, escalonados em muros de xistos. Assomam a eles as vides alinhadas.

Terras saibrosas amareletam o panorama, ora pálido de cinza, ora rubro de olaria. O vale apertado arde em calor. As terras esbraseiam, e na atmosfera, que se sente apertada entre montes de vales profundos, espera-se ver a fervura das águas do rio.

Vinhas rasteiras, dispõem-se com arte o homem. Desce o Baixo-Douro, e a vinha enche, enfarta; correm verduras pelos montes, verde-claro, verde-fresco, — é já o Minho que chega, sorridente, farto e bem vestido.

Sem tipo especial, sem formação particular, não tem tipo humano definitivo. É a população trasmontana mais sóbria e sofredora, é a beiros, que ali continua em terra e gente a

província sua fronteira pelo Norte; é a minhota mais ruidosa e tufal. Desde a urze e zambujo, pedregal e ardência do Alto-Douro vai distância enorme à parra de espelho, leve e graciosa, e à vide de enforcado, em estilo romântico de nacionalista decorador, do Baixo-Douro. Assim, por isso, a mulher não tem carácter local ou regional.

Ela trabalha como o homem e supre a falta do homem. Terra difícil, trabalho difícil. Solo ardente, trabalho extenuante.

Inverno fora, enche o Douro chelas temerosas. Ruína, ameaça, destruição. A dedicação heróica da mulher é posta à prova. No fundo, junto dos caminhos na Montanha, partidos pelo rio, está a barca da passagem. É a mulher quem a guia, saias içadas, canela grossa, pulso rijo, lenço amarrado para a nuca; vara na mão, impele-a a pulso no Verão, e tem então ar de ninfa do rio, levando a qualquer santuário os romeiros da Santa Imagem. No Inverno, contra a corrente, cortando corajosamente as águas, ela vai em guisa de tró-

(1) Vid. N.º 3, 4-6, 7-9 do Vol. I e N.º 13-15 do Vol. II.

leg, agarra-se à corda que liga as duas margens, e de empuxão-em-empuxão sobe por ela, arrastando atrás de si a barca.

Trabalhos rudes do campo, amanho de terras, condução de carros, quantos trabalhos pesados, ela os faz, no que não faz mais, é certo, que todas essas mulheres das províncias do Norte, resistentes e sádias.

A riqueza, porém, é a vinha. Pois é ela que chama afluência ao Douro, anima o Douro, e lhe dá a vida, que as romarias levam ao santuário em lugar deserto. Na verdade, fora da vendima, o Douro é o deserto, frio e escaldado no Inverno, ardente, queimado e extenuante no Verão, quando sobe do rio e se aperta, no vale arrepanhado e estreito, o calor sufocante de cratera amarfanhada.

A vendima ressurge em cada ano uma Páscoa de animação. Será por isso que o povo canta referindo-se à personagem movente e comovente de suas festas:

Nesta terra não há moças
Que as levou a gente;
Só ali escapou uma,
Debaixo de uma ramada.

(Regional).

Agosto, Setembro, — a terra povoa-se. A romaria agrícola acode à colheita da uva; afluência de todas as províncias confluente, e então se manifesta bem a variedade, a miscelânea, a polieromia física e mental de essas multidões concorrentes. E' que o Douro, e por isso a mulher do Douro, não passa do produto das vendimas e da invasão das províncias que o formam, o povoam, o exploram e de ele, cada um em sua esfera e proporção, vivem e entesouram.

A adaptação ao terreno deu a vinha, o «vinho do Porto», os montes em degraus, como que para subirem ao Sol a pedir ouro e para o Sol descer ao fundo e oferecer ouro, dar ouro, transformando-se em vinho, numa permanente consubstanciação divina de Ceia dos Apóstolos, fé, mistério. E a adaptação da gente às terras seguiu-se a adaptação da cultura. População móvel, transitória, espécie de *razzia* produtiva, invasão enriquecedora, ela paga, trabalha como quem mais trabalha, vai da recolha das uvas à pisa nos lagares, e passa, calorosa, sedenta, cansada. Assim a mulher, elemento vivo e vibrátil, espelho da população a que pertence, não tem tipo. Vive como as plantas de estação. Onde começa a ter forma, figura e cor, é Minho. Onde começa a manifestar rudezas singulares e idealidades primitivas, adequadas à paisagem e aos monumentos velhos, é Trás-os-Montes ou Beira Alta.

E' o país, o autêntico «país das uvas». Economias, «pé de meia», o «megalheiro», — planos de «arrecbimentos» com bodas aprestadas e fartas, equilíbrio de finanças domésticas, — tudo se procura resolver na vendima duriense. Eles aí vão os romeiros da uva.

A Senhora dos Remédios
Vai pelo Douro acima,
Com a cestinha no braço
Fazer a sua vendima.

(Douro, Trás-os-Montes,
Beiras).

Há desilusões, mas a alegria salva tudo. A economia não ganhou; perderia; mas a vendima, entre tanto trabalho, ao sol ardente, dá prazeres, chama idílios, e deixa saudades.

Vendimas, vendiminhas,
As vendimas boas são;
Sai de casa c'um cruzado,
Entri com meio tostão.

(Norte).

As «vendimas boas são», diz a quadra. Podéra! Pois não!

Debaixo da ramada,
Videiras dão anéis;
Por via de ti, menina,
Sofro penas cruéis.

(Norte).

Videira dá-me um elo;
Elo, dá-me um enlrio;
Menina, dá-me um desengano,
Que eu vivo em arreio.

(Vila Real).

O' porreira, dá-me um cacho,
O' cacho, dá-me um laguinto,
Amor, dá-me um abraço,
Que eu te darei um bojinho.

(Vila Real).

O peor são as consequências dos intrometidos.

Fai ao Douro a vendima,
Não achei que vendimar;
Vendimaram-me as costelas
Foi o que lá fui buscar.

(Vila Real).

Razão tem a canlga para não maldizer as vendimas. O planteio ao sol rijo, as mentes extenuantes, o coração em brasa, têm palavra fácil. E, no regresso ao lar, enchem-se os sóis da tarde com cantigas de amores e de saudades, onde ainda é a vinha o leit-motiv da canção.

A vinha é orfeônica; todos cantam; à tarde, ao Domingo, ao descanso, como se o corpo se recusasse a repousar em fugazes prazeres de Cápuia, ainda se canta e baila. E' a canlga, doida, enebriante, viva e barulhenta, que agita violentamente mulheres e homens, irmãos no trabalho, na resistência e na alegria doudivanas.

São as recordações que passam, mas amavelmente se refazem, no espirito da mulher que vai ao Douro à vendima.



CAMPONESA
(Beira Alta)

LUÍS CHAVES.

ELEMENTOS DE HISTÓRIA LOCAL

SANTA MARIA DE FAAROM

Por J. DE BIVAR WEINHOLTZ

Conservador do Museu Arqueológico de Faro

QUANDO OS romanos conquistaram para o seu Império a península hispânica, encontraram no litoral povoações importantíssimas que eram outros tantos empórios comerciais, onde os fenícios, cartagineses e outros povos navegadores trocavam as riquezas orientais de que eram portadores pelos produtos naturais do ubérrimo solo ibérico.

Uma das regiões mais conhecida dos mareantes que se aventuravam a sair do Mediterrâneo para as costas oceânicas da Europa, era, certamente, a região do moderno Algarve, antigamente conhecido pela Turdetânia, ou, mais propriamente, pelo nome «Cúneo» — derivado do Cabo Cúneo (cabo em forma de «cunha»), que uns querem que seja o Cabo de Santa Maria e outros, com mais acerto, o Cabo de San-Vicente — o «promontorium sacrum» dos antigos.

Os cunetes ou turdetanos eram os habitantes autóctones desta região. As suas relações comerciais com os povos orientais civilizaram-os. E próximo da costa marítima, num dos pontos mais aprazíveis do Algarve, com um porto magnífico, constituído por um amplo estuário que se estendia por uma grande parte do território que hoje compreende a freguesia de Nossa Senhora-da-Conceição de Faro, demorava a ridente Ossónoba, notável pelo seu clima, pelas suas belezas naturais, pelo comércio que nela se fazia do âmbar, dos frutos algarvios, da púrpura e do cobre proveniente das minas do interior algarvio e baixo Alentejo.

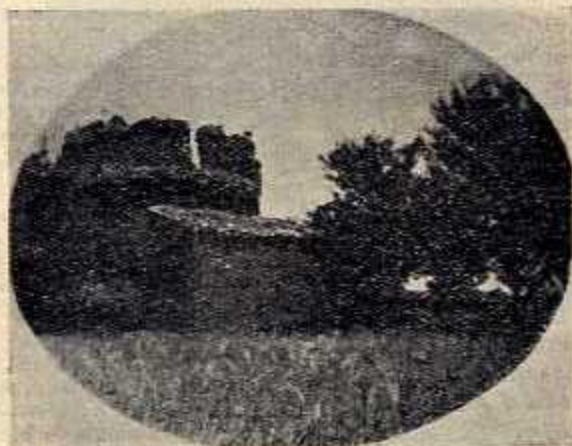
*

Os romanos, com os requintes da sua civilização, aproveitaram a povoação fenícia e

fizeram dela uma das melhores cidades da península.

As descrições de Ossónoba feitas pelos seus contemporâneos, atestam as suas belezas naturais, a grandiosidade dos seus monumen-

tos — dos quais são hoje simples vestígios as ruínas do sumptuoso balneário romano — e a sua grande importância sob os pontos de vista político e económico. Um escritor árabe, Razzis, chega a classificá-la como «uma das mais belas cidades do mundo». Os dizeres das lápides ali encontradas demonstram, de facto, a elevada qualidade dos



Ruínas de Ossónoba, em Estoi

seus habitantes, alguns dos quais mereceram a honra do «Sex viratum».

Ossónoba foi, já no tempo da cristandade, sede de Bispado. Há notícia de vários bispos da igreja Ossonobense; mas a certa altura, tudo desaparece, e da Roma algarvia, que assim se pode chamar à opulenta Ossónoba, não mais há notícias na História!

¿Como se explica isto? Acreditamos que causas várias se conjugaram para aniquilar a grandiosa povoação: — Causas de ordem natural, como seria um terremoto que parece ter sofrido a península hispânica no 3.º século p. C.; — causas de ordem política, tais como as invasões dos bárbaros; — causas ainda de ordem económica, como a diminuição do comércio, o assoramento dos canais que serviam Ossónoba e, finalmente, a concorrência que Faro, mais próximo da costa, lhe começava a fazer.

Não queremos, portanto, perfilhar a opinião dalguns escritores que, sem razões convincentes, atribuem a destruição de Ossónoba à invasão árabe...

Deveriam ser aquelas as causas da decadência. Esta remonta aos últimos períodos



A OFERENDA. — Aguarela
de Martins Barata, na sua última
exposição, em Lisboa. —

da dominação romana. Faro seria então a guarda-avançada, para o mar, da grande cidade. Derivaria o seu nome de «Pharum» — o farol —, nome vulgar em várias localidades nas costas marítimas do Mediterrâneo; e com o descalabro de Ossónoba, os povos que a abandonavam iam criando a moderna povoação a que o sentimento cristão daria o nome de Santa Maria de Faarom.

Foram, portanto, os últimos romanos ou os godos os fundadores de Faro; e os túmulos encontrados no recinto da antiga cidade, manifestamente cristãos, em oposição aos encontrados nos Campos Ossobonenses, de origem pagã, veem confirmar tudo quanto fica escrito acerca do desaparecimento de Ossónoba e fundação de Faro.

Os godos deram notável impulso ao desenvolvimento da povoação; e os árabes cercaram-na de muralhas, que ainda hoje existem, sendo já nesse tempo uma das principais povoações do Algarve, se bem que não pudesse competir com a capital, que era então a importantíssima Schelb (Silves).

Tomada aos mouros por Afonso III, em Março de 1249, Faro sofreu o abandono e a miséria a que os nossos reis votaram o Algarve desde que conseguiram submetê-lo à coroa portuguesa.

O seu afastamento da corte, o facto dos nobres pouco a apeterem, e ainda as suas fronteiras naturais, que a isolavam de Espanha, fizeram com que a corte se desinteressasse desta região, tão acarinhada pelos povos antigos e, sobretudo, pelos árabes.

O algarvio concentrou-se, pois, em si próprio, fez vida à parte do resto do país e criou um feitiço independente, de que ainda hoje se ressentem.

Surgem, porém, o Infante D. Henrique e as conquistas do norte d'África, e nesse período brilhante da História portuguesa o Algarve contribue, como nenhuma outra província, para a epopeia nacional.

A sua proximidade da costa africana e os seus magníficos portos fazem convergir para ela as atenções dos reis de Portugal. Os nobres começam a apeter as suas terras e as suas riquezas; e num gesto de desdém pelo poder central, o povo do Algarve revolta-se contra o rei, desobedece às suas determinações e obriga-o a prometer que nunca qualquer povoação algarvia seria dada a

qualquer fidalgo, porque o povo não toleraria perder a liberdade e independência que sempre tivera!

Mais tarde esqueceu o rei — que era Afonso V — a promessa. E tendo feito conde de Faro a D. Afonso, filho do duque de Bragança, o povo exigiu o seu cumprimento, tendo Afonso V de recorrer ao Papa. Porém, só dois anos depois, governando Paulo III, este pontífice o relaxou do juramento, efectuando-se então a doação.

Foi este, porém, o único nobre que foi senhor duma povoação algarvia. Os seus descendentes não obtiveram a sucessão no senhorio.

D. João II fez entrar a maior parte das cidades e vilas do Algarve na Casa das Rainhas; e ou porque estas se interessassem a valer pelos seus domínios ou porque a força das circunstâncias tornasse importantes as cidades litorais do Algarve — o que é certo é que Faro adquiriu, no tempo das rainhas D. Leonor e D. Catarina, o seu período de esplendor, sendo elevado a cidade em 7 de Setembro de 1540 e a sede de bispado em 1577, tendo como primeiro bispo o célebre D. Jerónimo Osório.

Data desse tempo a construção de importantes monumentos e edificios, dos quais apenas existe hoje, arruinado mais pelo vandalismo dos homens do que pela acção do tempo, o Convento das Freiras de Santa Clara, um dos melhores edificios da Renascença portuguesa e que talvez se pudesse comparar em luxo e arte ao seu contemporâneo da Madre de Deus, em Xabregas.

Desse sumptuoso edificio, que a implantação do regime constitucional fez passar para as mãos gananciosas de particulares que o transformaram numa fábrica de rolhas, adivinham-se ainda as paredes revestidas de azulejos, o claustro Renascença, a porta da capela e algumas vèrgas e rosáceas que estão depositadas no Museu Municipal.

Em o fim da época gloriosa de Portugal, o Algarve voltou ao marasmo e abandono a que o poder central o votara. Os ingleses facilmente o invadem, destruindo e incendiando as suas cidades, talando os seus campos. Em 1596 uma esquadra inglesa fundeia em frente de Faro, desembarca os seus soldados, que a põem a saque, incendeiam o arquivo e levam para Inglaterra o que de melhor havia na cidade. Depois veem, no decorrer do século XVIII, os terremotos, que

a arruinam em 1719, 1722 e finalmente em 1755. De Faro antigo, pouco resta; apenas fica de pé a Sé, atestando com a sua torre sineira a origem visigótica, e o vizinho Convento das Freiras.

Um bispo, que era um Santo, D. Francisco Gomes de Avelar, toma sobre si o encargo de levantar o Algarve do seu abatimento; e, ele só, consegue desenvolver a instrução, a agricultura e a arte; aformosoa cidades, constrói estradas, pontes, edifícios públicos e igrejas — prepara a defesa do reino — e em 1814, depois de trinta anos de dedicação por este pobre país, morre santificado pelas suas virtudes e pela sua obra imensa.

Faro hoje resente-se imenso de todas as calamidades que tem sofrido através da História. Não tem edifícios antigos que lhe emprestem a magnificência doutras cidades tão antigas como ela; as suas ruas são estreitas e desalinhas — porque na reconstrução desordenada dos edifícios que sucedia aos terremotos não se procurava alinhamentos nem se olhava à estética.

As casas são, na sua grande maioria, térreas, de duvidoso gosto arquitectónico; e difficilmente conseguirão os modernos farenenses, que tanto se tem ultimamente empenhado por elevar Faro à categoria a que tem direito, vencer a rotina da maioria dos seus habitantes, que persiste em fazer de Faro uma grande aldeia,



Faro — A Sé Catedral

quando podia ser uma grande cidade.

E é justa a aspiração de Faro. O seu comércio de exportação de frutos de toda a região central algarvia, a sua indústria de preparação de cortiça, de conserva de peixe, de palma, de preparação de figo, etc., tem-se desenvolvido ultimamente numa forma extraordinária. E se os nossos governos olharem com interesse para a nossa província que, com a sua balança comercial favorável, fornece de ouro o resto do país, como outrora fornecia de anónimos marinheiros as naus que sulcavam os mares para o engrandecimento de Portugal, — se o poder central des-

mentir a fama que desde tempos antigos vem correndo, de abandonar a si própria esta tão infeliz província do Algarve, como atesta esta frase que se encontra no curiosíssimo livro do general Charles-François Dumouriez, publicado em 1797 — *L'État Présent du Royaume de Portugal*: « Cette province (l'Algarve) n'est nullement intéressante pour la Monarchie Portugaise quoiqu'elle soit surchargée du titre pompeux de royaume »; — se o Governo do nosso país, enfim, mandar proceder ao desassoramento dos seus portos, facilitando a navegação e protegendo o seu comércio, Faro dentro em breve será uma das principais cidades do país e uma das que mais contribuirá para o ressurgimento de Portugal.



Faro — Vista geral

J. DE BIVAR WEINHOLTZ.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Um brilhante estudo sobre SILVES

Por PEDRO M. JÚDICE

(Com esplêndidas ilustrações)

Capítulos em que se divide:

- I — Silves nos tempos pré-históricos e na época romana.
- II — Opiniões de distintos historiadores sobre Silves.
- III — Árabes ilustres naturais de Silves.
- IV — Conquista de Silves aos Mouros.
- V — Silves como lugar de turismo: Sé, Castelo, Cruz de Portugal, etc.
- VI — Indústrias de Silves.

ASPECTOS DO TURISMO

OS TRAJOS REGIONAIS

A extensão avassaladora das modas de Paris é, nos tempos modernos, uma forma de escravidão de ordem espiritual e estética, bem inexplicável.

Sabemos todos que essas modas nem sempre são filhas da acção espontânea de autênticos artistas, nem da evolução normal dos costumes, mas da febril actividade, desenvolvida habilidosamente, pelos comerciantes das mil bujigangas vistosas que a França consegue impingir ao estrangeiro, ...amealhando ouro.

A França teve a habilidade de disciplinar a frivolidade mundial a favor dos seus interesses, e toda a humanidade se curva reverente, e sempre ansiosa dessas novidades. ... artificialmente estudadas nos *ateliers* dos seus *tailleurs* ou passeadas nas ruas de Paris pelas suas mundanas.

Não me revolto contra o país inteligente que sabe fazer o seu negócio, mas indigno-me, enojado, com a imbecilidade dos que, sem precisão, são tributários do espírito inventivo alheio e da sua conseqüente farrapada ou adornos de pacotilha.

Esta abdicação colectiva da originalidade no trajar, que está hoje sendo um *morbus* quasi geral, vai, afinal, conduzindo a humanidade à mais monótona uniformização de colorido e de forma.

Desaparecido o matiz dos vestuários, as características locais perdem, para o turista, um dos seus maiores encantos. Toda a humanidade, que se preza, da China à América, do pólo ao equador, só tende hoje a vestir a mesma libré!

Contra esta tendência, que se infiltra dia-a-dia nos costumes, contra esta uniformidade anti-estética e burguesa se tem procurado reagir nalguns países, ressuscitando, em nome da razão, da arte, do regionalismo e dos interesses turísticos, os trajos populares, sempre muito mais adequados ao clima, à paisagem, ao temperamento, costumes e necessidades dos povos em que nasceram e se fixaram, do que os gerados noutras regiões, com simples fins comerciais.

Entre nós, vão desaparecendo os trajos locais, mesmo das mais recônditas aldeias, e, ainda para cúmulo, morrendo da forma mais desastrada e eficaz, — envolvidos num conceito ridículo a que ninguém tem coragem de resistir. E, em poucas terras, como na nossa, se teme tanto o ridículo! O carnaval já se apoderou deles e, quem diz carnaval, diz consagração do ridículo.

A vaidade e a ambição, tão geral também entre nós, de se querer parecer sempre o que se

não é, são também uma das causas desta rápida transformação e degradação.

Toda a camponesa ou tricana quer parecer senhora, todo o rústico ou marçano quer parecer fidalgo.

Desaparecem, na mulher, a chinela, o lenço e avental, para darem lugar ao sapatinho citadino de salto altíssimo e ao custoso chapéu de fitas e flores, ou, quando a tanto se não aventuram, à simples *écharpe* e chale de oito pontas.

No homem a blusa, a saragoça, a carapuça e o vareiro vão morrendo às mãos das gravatas de sêla, das casimiras e dos finos feltros.

Ora, o que é verdadeiramente ridículo e grotesco, é vestir uma pele duma civilização que se não possui. Tudo então é exterioridade, verniz para deslumbrar, para enganar. Mas, semelhante verniz, por mais brilhante que seja, é sumamente estaladiço e deixa ver o original, que encobre, ao mais simples gesto, palavra ou proceder, a não ser que se seja um consumado actor.

O trajo é, portanto, mais um ramo, embora modesto, mas interessante, do já tão desfalcado património nacional, que temos de defender para que se não vá cavando, mais funda ainda, a nossa desnacionalização.

Precisamos restaurar, reabilitar em cada terra, em cada provincia, os antigos trajos, os antigos costumes que sejam compatíveis com os tempos actuais.

Defendê-los de todo o ridículo, aconselhar, propagar a sua adopção, fazê-los cercar de carinho e simpatia por parte das pessoas de gosto e de *élite*. Fazê-los usar, como já é costume nalguns países, pelos serviços e empregados das nossas casas e estabelecimentos, o que seria bem mais democrático e simples e ao mesmo tempo mais nobre e digno que as toucas hospitalares ou as librés agaloadas e de botões dourados que tantos se comprazem em ostentar.

Cada um deve ter orgulho da sua terra, da sua pátria, e não se envergonhar de trazer consigo, ostensivamente mesmo, as insignias características da sua região.

Promovam-se festas regionais, retrospectivas, concursos, certâmens, prémios, compromissos de usar trajos nacionais, entusiasmem-se os novos no amor das nossas tradições, repare-se tudo quanto é susceptível de actualização, e o turismo não perderá entre nós mais este pitoresco atractivo.

Março de 1924.

ÁLVARO V. LEMOS.

O CONVENTO DE TENTÚGAL

(NOTAS DO PADRE SAN-MIGUEL)



TENTÚGAL. — FACHADA LATERAL DO CONVENTO

... Tentugal toda a rir de cascas brancas!
A boa alheia! Venho cá todos os meses.
Venho ao convento visitar a linda freira.
Nunca lhe fallo: talvez, hoje, a vez primeira;
Vou lá comprar um pastelinho, que eu bem sei
Que elle tratá um lillete — isto sonhei:
Assim o pastelinho, ó ventura sonhada!
Tens do recheio o coração da minha Amada.
Abro o envelope ideal. Vamos a ver... Traz? Não!
Regresso a Coimbra só com o meu coração.

Só. ALEXANDRE NUNES.

FUNDAÇÃO

I

EXISTIAM outrora nesta vila muitas corporações religiosas. Entre elas, a que mais se distinguia era a de San-Pedro e San-Domingos, pela sua riqueza e beneicência, possuindo esta confraria um hospital, situado no mesmo recinto em que se encontra o existente (o que se conjectura pelos escritos do penúltimo capellão do Convento) e onde os pobres eram tratados por irmãos enfermeiros, denominados — *hospitaleiros*. A mesa governativa, eleita anualmente, pouco se importava em capitalizar os sobejos das rendas, que lhes ficavam depois de cumpridas as obrigações do compromisso, os quais eram, geralmente, empregues em comer e beber.

Correu assim esta administração muitos anos, até que El-Rei D. Manuel mandou inspecionar todas as confrarias, hospitais e capelas do seu reino, para ver o que tinham e como empregavam as suas rendas (Vid. *Notas do Padre San-Miguel*, tomo III, fôllas 312, 313), reünindo-se, desta maneira, a confraria em cabido, no dia 5 de Abril de 1551, sob a presidência do sr. D. Francisco de Melo, senhor da vila, Pero Gomes, Juiz, regedores António Gomes, Diogo Gonçalves e o mordomo

Francisco Aires e irmãos; João Fernandes Conceiro, Aires Lopes, Diogo Alvares, Francisco Nunes, António Gramaxo, Diogo Fernandes, da Póvoa, Alvaro Velho, Gaspar Bento, Diogo de Amorim, Luís Pires, Francisco de Faria, Francisco Negrão, Manuel de Leão, Pero de Barros, António de Barros, Francisco de Barros, Nuno Vaz Lobo, Gonçalo Dias, Rodrigo Martins, de Viseu, Francisco Lopes, João Afoaso, de Viseu, resolvendo aplicar os restos das rendas — 200\$000 — na construção dum mosteiro de freiras da ordem de San-Domingos, por ser o padroeiro da dita confraria.

Transmitiram ao Papa e a El-Rei as suas deliberações, para que lhes mandassem passar as bulas e permissões (*loc. cit.*, documento no tomo III, assinado pelo escriptão Manuel de Castro e por todos os Irmãos).

Fôra este o primeiro passo para a construção do convento, que não chegou, todavia, a ser realzada.

Mais tarde, reconhecendo a grande necessidade dum mosteiro nesta vila, resolveram as pessoas de maior categoria da mesma fundar aqui um mosteiro de religiosas do Carmo, solicitando do Papa as bulas apostólicas necessárias para tal fim. Foram estes beneméritos (*Notas do Padre San-Miguel*) Gaspar Barreto de Faria, Gaspar de Magalhães, João Jorge Moniz, Belchior Barreto, João Rodrigues de Meneses, Rui Lopes Galvão, António de Barros, Vasco de Faria e Henrique de Faria, que no dia 8 de Setembro de 1565, dia do nascimento de Nossa Senhora, lançaram a primeira pedra para a construção do convento, que ainda hoje existe.

Nos próximos números continuaremos a respectiva descrição histórica.

Tentugal, 11 de Abril de 1924.

ANTÓNIO JOÃO AFOSSO.

: IMPRESSÕES :

DE BRAGA A CASTRO-VICENTE

CASTRO-VICENTE é uma pequena vila do concelho e comarca de Mogadouro, da mais caracteristicamente portuguesa de todas as nossas províncias — Trás-os-Montes.

Quem — saindo de Braga — pretender alcançar a culminância verdadeiramente transmontana em que a pitoresca vila assenta — aventura que eu corri — terá de sujeitar-se à mais estranha e trabalhosa jornada. São pelo menos catorze horas de viagem, malizadas por quasi todos os processos de locomoção.

Vou dividir essa viagem em etapas, segundo os respectivos meios de transporte:

1.^a — De Braga a Macedo-de-Cavaleiros — *Caminho de ferro*.

2.^a — De Macedo-de-Cavaleiros a Perêdo — *Camião de carga*.

3.^a — De Perêdo a Saldanha e desta povoação a Castro-Vicente — *a pé ou de jérico*.

Para seguir de Braga até Macedo-de-Cavaleiros embarca-se às oito horas e tal da manhã num quotidiano comboio-correio que deve estar em Ermezinde — estação de entroncamento — às treze horas e vinte e sete minutos. Nesta estação, que fica a doze quilómetros da Invieira, aguarda-se o directo Porto-Barca d'Alva, em que se seguirá até Foz-Tua, nova estação de entroncamento e onde o viajante terá de baldear-se para o correio de via reduzida Tua-Bragança, que o conduzirá a Macedo-de-Cavaleiros, final da sua jornada em caminho de ferro. Deve chegar aí às dezoito horas e trinta minutos, se for à tabela...

A segunda etapa começa a ser mais pitoresca. Um camião de carga transporta os passageiros que, corajosos e equilibristas, estejam ainda em condições de poder atingir Mogadouro ou os lugarejos intermédios de Olmos, Chacim, Perêdo, etc. O passageiro que se destina a Castro-Vicente desempoleira-se em Perêdo e daí segue montado num jumento, se tiver a sorte de o encontrar, até Saldanha. Tendo feito a pé o trajeto de Perêdo a esta vila, aqui encontrará, porém, alimária que o conduza a Castro-Vicente. Esta é, talvez, na viagem, a parte mais bela, como pitoresco, mas também a mais difícil de transpor. Todo o mortal que se aventure a ir de Saldanha a Castro-Vicente, montado num jumento, deve adextrar-se, previamente, em mil e um exercícios de equilíbrio e não se esquecer de tomar algumas pastilhas de carvão de Beloc, para evitar as vertigens que as bruscas deslocções sobre a albarda lhe poderão ocasionar.

Com a aproximação da vila o caminho torna-se mais suave e nas proximidades do Prado já se nos apresenta sofrível. São, finalmente, lugares de Castro-Vicente. O Prado é a eira comum da freguesia, com a sua *Abadia* — parte vedada daquele e que pertence ao passal do pároco — e a *Canelha*, arrife marginal deliciosamente aromatizado pelo enebriante perfume das suas flores silvestres. Entra-se assim bem impressionado na vila.

A primeira edificação desta, espécie de guarda-avanzada, é a capela de San-Sebastião, já toda velhinha e ao abandono. Tomamos o caminho em frente, e eis-nos

na povoação. À parte o agrupamento irregular e a negritude taciturna das suas casas — característico, aliás, de todas as povoações transmontanas, que tanto as fazem diferir das minhotas — Castro-Vicente não oferece ao viajante nenhuma outra particularidade notável. Adora-se nela, porém, esse aconchego em que se aninha. Os tons escuros das suas moradas são, por assim dizer, um reflexo dos traços dos seus habitantes. Nada de vermelhos, amarelos e outras cores garridas, como no Minho. É o carácter das províncias traduzindo-se nos próprios costumes e indumentária locais. Enquanto o Minho é a poesia, com o lirismo dos seus campos verdejantes; é a juventude, com o viço da sua exuberante flora; a «alegria vitoriosa», emfim, como dizia João de Barros, com a sua vegetação variegada; Trás-os-Montes é a prosa chã, sem rendilhados e érma, com a simplicidade rude da sua natureza austera, de agrestes culminâncias; é a maturidade e a melancolia, com a aridez dos seus cumes quasi inacessíveis e da sua «terra ingrata onde a urze a custo desabrocha».

Segundo a tradição, Castro-Vicente herdou o nome da antiga Vila Velha de San-Vicente, situada ao Norte da actual vila e que fora mandada edificar por Castro, grande guerreiro cristão, em memória duma gloriosa batalha que aí teve contra os mouros, na qual os aniquilou. De Castro Vincente — o vencedor — derivaria então o nome da vila. Outra versão atribue a origem do nome à existência dum castelo romano — *castrum* — na primitiva povoação, que ficava a uns trezentos metros para o Sul da actual, tomando a mesma o nome do seu primeiro alcaide. D. Denis e D. Manuel deram-lhe forais, tendo sido seus donatários os marqueses de Távora.

Castro-Vicente é hoje uma povoação pobre, sem calçamento nas ruas nem serviços de higiene. A sua higiene está toda no aprasível sitio em que se encontra, que a torna uma excelente estação de cura — um verdadeiro sanatório.

Da eminência em que se acha situada, domina todas as alturas em volta. As suas vistas panorâmicas são assim admiráveis. Em baixo, a não grande distância, passa-lhe o rio Sabor. Margens aprazíveis, fresca, encanto! Não longe também está o cabeço do Santo Cristo-da-Fraga, com a sua histórica capelinha, onde se realiza anualmente a tradicional festa da freguesia, e um pouco mais além, interceptadas, é certo, por caminhos difíceis, estão as saudáveis culminâncias que nos servem de paraíso aos mais lindos panoramas da região. A vida aí é sã, quasi primitiva, simples, paradisíaca. Em muitos pontos somente ar puro e águas, nas alturas, e pelo chão das encostas, saindo a cada passo dentre as urzes e atravessando os córregos, atemorizados pelos nossos passos, coelhos atilados, lebres ligeiras e perdizes espertas, numa profusão esplêndida.

O longo sacrificio da viagem, não se nos mostrará assim de todo imerecido, mas até relativamente compensado.

Se nos permitir o espaço, tentaremos fixar, noutros artigos, alguns aspectos da vida e costumes da região.

GUARANY.



ARTE



MANUEL JARDIM

(6-VI-1923 — 6-VI-1924)

EMBORA reconheça toda a boa-vontade, filha da mais sincera e lisongeira admiração, dos que há um ano disseram palavras de ternura sobre o lúculo mal cerrado ainda de Manuel Jardim, — o certo é que ninguém leve a expressão verdadeiramente justa para exprimir a sua maneira de ser como artista. Ainda agora acabo de passar pelos olhos ludo quanto a sua morte provocou aos seus amigos. De todas essas palavras não sai, com nitidez, o alto relevo da sua figura. Nem defeito do desventurado pintor, nem defeito dos seus apreciadores, — mas sim impossibilidade a quem não vivesse permanentemente com ele e na sua intimidade, para o definir e ver. Como sua mulher seguiu sempre os seus trabalhos e teve tempo farto para o compreender, e sentir o que ele sentia. Assim eu pude dar toda a expressão verbal a esse sentimento!

Manuel Jardim foi, constantemente, um insatisfeito da própria obra. Não lhe faltavam nem predicados de lutador, nem recursos criadores. Mas a doença começou cedo a tomá-lo, e a insatisfação juntou-se o cansaço físico. E foi por este motivo que abandonou a pintura, e se limitou ao desenho, ao desenho cuja simplicidade aparente faz supor erradamente que é de fácil confecção. Com saúde, creio bem que acabaria por vencer a sua insatisfação, e por apreciar com justiça o que saía das suas mãos. A sua maneira está toda encerrada na evolução que se manifesta desde Jean Paul Laurens de quem foi discípulo, até Picasso, de quem era admirador fervoroso. Essa sua maneira explicava-a ele em curiosas e brilhantes conversas, sendo de lastimar que nunca pudesse ou quisesse reduzir a escrito o que pensava. Porque era um crítico, na mais alta significação do termo. Ultimamente preocupava-o o carácter clássico da Arte, e demorava-se a estudar Miguel Angelo e Ingres, seduzindo-o a ideia de dar forma clássica às concepções modernistas.

Manuel Jardim era ainda um ávido da leitura dos críticos, e era interessante ouvi-lo discreditar



MANUEL JARDIM
(Busto de Francisco Franco)

enumerando com felicidade rara as fraquezas desses críticos.

Vivia no sonho de uma obra a realizar, se a doença lho permitisse. E foi ainda a doença que lhe impôs o irregularíssimo sistema de trabalho dos últimos tempos; meses e meses de uma inércia absoluta, seguidos ou precedidos de semanas de trabalho exaustivo.

Recordo-me muito bem da época e do lugar em que Manuel Jardim se deu mais inteiramente a um trabalho quase frenético, sem descanso, trabalho de todas as horas; foi na Bélgica, em 1914. Estávamos em Bruges, a linda terra dos canais adormecidos, cantada em prosa e verso, que em beleza se equívalem, por Georges Rodenbach.

Por essa ocasião encontrava-se a Bélgica semeada de americanos curiosos de coisas de Arte; e era interessante ver como eles compravam rapidamente as pequenas *pochades* que os artistas compunham em instantes felizes de inspiração. Manuel Jardim, impressionado pelo silêncio fúnebre do ambiente de Bruges, pela tranquilidade fria dos aspectos, fixou em pequenos *panneaux* o que relivera a atenção dos seus olhos e seduzira a sua sensibilidade. Obrigados a sair bruscamente para Portugal, perdemos essas telas, que são dos melhores trabalhos de Manuel Jardim.

Regressado ao País, Manuel Jardim, no intuito lindo de desenvolver o gosto artístico dos seus contemporâneos, fundou em Coimbra, a bela cidade, uma escola de pintura. O meio ainda rebelde a concepções novas, a processos novos, não soube compreender o esforço nobre de Manuel Jardim, que não podia lutar com a tenacidade que os seus propósitos exigiam, porque a doença o prendia já nas suas malhas inutilizadoras. Ainda assim, gastou, em alguns meses de trabalho e ensino, muitas das forças de que ainda dispunha. Mas a resistência do meio desgostou-o e Manuel Jardim voltou a Paris. Era a última vez que havia de lá ir para trabalhar, mas impossível lhe foi já suportar o cheiro das tintas; e então, no

afastamento delas, imposto pelo seu estado de saúde, somente o preocupavam as exposições chez Bernheim, Devauche, etc. Caiu de cama e durante tres meses não pôde levantar-se.

Como homem, foi duma singular elegância moral, pondo elegância até na amizade que tinha aos seus amigos. Dádioso, semeou os seus desenhos por todas as mãos. Muitos e muitos me ficaram no entanto; e é com eles que tenciono fazer uma exposição que deixe bem claro o mérito do artista. Poucos dias antes de morrer, pediu-me firmemente que destruisse todos os desenhos de que ele não gostava, e que eu pudesse recolher: era ainda a insatisfação a determiná-lo.

Essa insatisfação não o fazia invejoso. Seguiu com amor o triunfo artístico dos seus companheiros, e admirava, sem reservas, o pintor português Eduardo Viana.

Morreu muito novo para a obra que sonhava; morreu quasi criança para a obra que as suas qualidades de artista podiam compor. Antes da morte que o tolheu definitivamente, embaraçou-o cedo a doença de que morreu, começando por o levar a abandonar a pintura, e a restringir-se ao desenho. Mas, felizmente, não morreu tão novo e tão cedo que não livesse tempo de fixar o seu nome na collegiada dos artistas portugueses dos primeiros vinte anos do século XX, afirmando, à custa do seu próprio esforço, as suas qualidades superiores. E os seus trabalhos são qualquer coisa de nobre e de belo em que os artistas futuros terão de reparar.

Maio de 1924.

LETÍCIA DE VILHENA JARDIM.



Auto-retrato de MANUEL JARDIM

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

VIGÉSIMA-PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

Na tarde de 3 de Abril a Sociedade Nacional de Belas-Artes abriu as salas do Palácio da rua Barata Salgueiro para a sua vigésima primeira exposição.

No catálogo figuraram 360 trabalhos, sendo 197 a óleo, 94 em aguarela, 37 em desenho e pastel, 9 em escultura e 23 em arquitectura. Concorreram mais de 60 artistas e da velha geração apenas três nomes: Columbano, Carlos Reis e Veloso Salgado. Começemos por estes.

Columbano. — Se a sua certidão de nascimento lhe dá perto de 70 Janeiros — o seu pincel maravilhoso de que tem saído tanta obra-prima, conserva ainda a mesma mocidade, o mesmo equilíbrio e a mesma firmeza. Para Columbano a pintura não é apenas o seu maior e mais belo Sonho, é também a sua linguagem natural. Columbano raras vezes fala. Não é um misonthropo. É um escravo e um enamorado do seu Sonho de Arte. Como um monge que foge do mundo desvairado e vão e se encerra na sua estreita cela para conversar a sós com Deus, Columbano vive também enclausurado na sua discreta e silenciosa oficina — pintando. Passaram os anos fugitivamente e Columbano não os sentiu correr. Embranqueceram os seus cabelos, o corpo alquebrou-se um pouco — mas como o seu Sonho é o mesmo e na sua alma a emoção não arrefeceu, o seu pincel guarda ainda a sua mocidade invencível e forte. Diante dos seus quadros os próprios pintores modernistas demoram seus olhos, com admiração e respeito. O saudoso Santa Rita Pintor dizia muitas vezes: — «Se todos os pintores fôsem como Columbano, — o futurismo não teria razão de existir.»

Columbano, com os seus sessenta e pico, é ainda — por milagre do seu sonho sempre vivo — o mais moço de todos os grandes pintores portugueses.

Columbano expôs três trabalhos a óleo, três pequeninas obras-primas, sendo a *Natureza morta* uma das mais maravilhosas coisas que do seu pincel tem saído. Linda também uma aguarela — *Primavera*.

Carlos Reis. — Como Columbano, o pintor Carlos Reis não se sente envelhecer. Antes o seu pincel remoça de dia para dia. A paisagem sai-lhe de ano para ano mais humana e mais sentida. Carlos Reis há vinte anos irritava muita gente com o esplendor alacre da sua pintura iluminada, mas hoje ele é um dos melhores intérpretes da paisagem portuguesa — expressiva e policroma. Discípulo de Silva Porto — Carlos Reis herdou-lhe o sentimento. E como Silva Porto ele tem pintado nas suas telas a gente e as paisagens portuguesas.

Veloso Salgado. — O admirável pintor do *Amor* e *Psyche* — uma das obras-primas do nosso museu de Arte Contemporânea — e de outros quadros que o têm imposto como um dos nossos grandes pintores — foi bastante infeliz este ano com as suas composições. É já manifesta a decadência deste artista de há anos para cá. A *Juventude*, que o Estado adqui-

riu, é uma coisa péssima. Quasi tudo nesse quadro é mau. A saia, por exemplo, dum amarelo cru e baço, não tem ondulação, nem leveza nem frescura. O todo dá o aspecto de uma oleografia inglesa.

Mas vejamos agora os artistas mais novos, um pouco ao correr da pena, abreviadamente, que o espaço não é muito — e apenas uma impressão eu de-sejo escrever e não uma critica minuciosa. Sigamos pela ordem do catálogo:

D. Sara Afonso. — Discípula de Columbano, honra o mestre. Há personalidade no seu retrato. Os seus jardins revelam uma nova beleza. Original a sua maneira.

Alves Cardoso. — É admirável a fecundidade deste artista, por vezes irregular, mas sempre superior. A sua pincelada larga e precisa. Todos os assuntos lhe são familiares. Bons os seus retratos. Interessante a *Descamizada* e digno de registo a *Volta ao pasto*. Alves Cardoso ainda que pertença à nova geração, de há muito que está incluído entre os mestres da pintura contemporânea.

Carlos Bonvalot. — Ainda há pouco tempo, na mesma Sociedade Nacional de Belas-Artes, de companhia com outros camaradas, Carlos Bonvalot maravilhou todos quantos foram admirar os seus quadros, que revelam uma nova técnica e uma nova visão. Nesta exposição última, tem apenas um quadro a óleo — *O Sacristão de Santo António dos Portugueses em Roma*, admirável de cor, — e algumas aguarelas curiosas. Carlos Bonvalot é dos poucos novos que mais tem progredido de ano para ano.

Ortigão Burnay. — Acusa influências de pintores espanhóis, mas a sua individualidade está acima de tudo. É aristocrática a sua pintura. O *Retrato* (n.º 32) é duma notável elegância. As mãos da dama, de dedos longos e finos, foram pintados com delicadeza e mestria. O retrato de Sua Eminência o Cardial Patriarca, muito feliz de expressão. Austeridade, carácter. As mãos admiravelmente pintadas. Qualquer coisa de novo Ortigão Burnay veio trazer à pintura portuguesa.

D. Maria A. Pires Chaves. — Quasi todas as senhoras são delectáveis amadoras de pintura, mas a sr.ª D. Maria Pires Chaves foge, excepcionalmente, à regra. São dignas de louvor as suas paisagens, pintadas com delicadeza e cuidado.

Adriano Costa. — É já um nome feito. Progride sempre. Lindo o quadro — *Casas da Beira*.

Falcão Trigos. — Há qualquer coisa de convencional na sua técnica. As suas pinceladas deviam ser mais largas, mais espontâneas e a sua cor mais flagrante. Não lhe faltam qualidades.

D. Maria Braacamp de Figueiredo. — É uma outra senhora perante quem nos devemos inclinar. Tem dois desenhos muitíssimo bons e um retrato a óleo digno de especial registo.

Andante

mf

f

D.C. ao 8.º até Fim

Joaquim Lopes.—E' dos poucos artistas que melhor se apresentaram este ano. Possui esplêndidas qualidades. Pincel firme, espontâneo e ágil. A côr invulgar. A *Feira Minhota* digna de museu. Bellos — *A Rapariga dos Dióspiros*, o *Chale rosa e Terras de Sebadelhe*.

Manuel Maria Lúcio.—Tem paisagens curiosas. Merece registo o *Rio Vouga*. Que nos lembre é a primeira vez que o vemos em Lisboa. Discipulo do illustre pintor Artur Loureiro — tem diante de si um belo futuro.

Emérico H. Nunes.—E' uma individualidade no nosso meio artistico. Interessante a *Cruz Quebrada*, e as suas caricaturas admiráveis de expressão.

João Reis.—E' nas paisagens sentimentais que o seu pincel toma maior delicadeza. Discipulo de seu pai, o illustre pintor Carlos Reis, ainda não se libertou da tutela do mestre. Mas os seus quadros vão ganhando a pouco-e-pouco originalidade.

Eduardo Romero.—Pintor de interiores e *natureza morta*. Como seu glorioso mestre — Columbano — Eduardo Romero vive também eternamente enamorado da sua Arte.

Depois de Columbano é ele quem melhor pinta a *natureza morta*.

D. Alda Santos.—Merece lisongeira referência esta senhora. Tem qualidades belas para triunfar e os seus quadros merecem atenção.

Fernando dos Santos.—O pintor das marinhas de Setúbal e dos jardins. Agradou-nos mais a *Tarde Sombria* e *No Montado* do que a *Friorenta*.

Alves de Sá.—E' um dos nossos maiores aquarelistas. Há desenho, delicadeza, proporção, justeza de côr, transparência, leveza nas suas aquarelas.

D. Helena Roque Gameiro.—Tem esta senhora uma longa côrte de admiradores. Merece-a. A sua maneira é original e curiosa.

Leitão de Barros.—Pouco feliz no seu *Nun' Alvares*. As suas paisagens são bastante impressivas.

Paulino Montez.—Esplêndidas as suas aquarelas. Paulino Montez desenha admiravelmente e mancha as aquarelas com espontaneidade. Há colorido e relevo nos seus trabalhos.

Martinho da Fonseca.—Um dos discipulos queridos de Columbano. Notável a sua maneira de desenhar. O seu traço é inconfundível. Apresenta apenas três trabalhos, que por si bastariam para consagrar um artista: — *Mãe*, *Charmeuse* e *Enlévo*. Martinho apresenta ao público duas discipulas: D. Helena e D. Izabel Gentil, que prometem, se estudarem.

Eduardo Malta.—Os seus retratos a carvão, bem desenhados, com uma notável simplicidade — apenas os traços precisos — tem relevo e personalidade. As mãos são sempre marcadas com uma grande elegância.

Saavedra Machado.—O illustre director artistico da *Alma Nova* expõe oito trabalhos. Acima de tudo é um grande desenhador. Para a sua pênna não há segredos. O quadro que apresenta com *Desenhos de arqueologia* e etnografia do *Museu Etnológico Português* documenta o seu valor como um verdadeiro mestre de desenho. Mas Saavedra Machado não é só um excelente desenhador scientifico. A sua sensibilidade de artista mostra-se-nos no carvão — *Sentinelas* (Árvores da Capela nas Terras do Duque) árvores sôzinhas — tristes de uma tristeza incompreendida e humana...

Os retratos, curiosos de técnica, de uma grande semelhança.

Francisco Valença.—Apresenta seis caricaturas graciosas. Valença desenha com facilidade e vê sempre os seus caricaturados pelo lado grotesco.

A escultura quasi que não foi representada este ano. Nem Ernesto do Canlo, nem Francisco Santos, Maximiniano Alves, Diogo de Macedo. Apenas Júlio Vaz Júnior, D. Izabel Gentil, António da Costa e Rogério de Andrade, que apresentam algumas coizas curiosas.

Na architectura — dignos de registo, apenas Paulino Montez, que compreendeu e sentiu o espirito e o estilo nacionalista, e Jorge Segurado — delicado temperamento de artista.

As estilizações do architecto Francisco dos Santos, são curiosas, mas estão longe de interpretar o estilo português, de linhas simples e sóbrias. A casa deve ser a materialização lirica da paisagem. Para se construir uma casa é preciso compreender, sentir a paisagem primeiro.

Vai a crônica já longa. Falei de alguns artistas apenas, esqueci outros, e alguns propositadamente.

E para o fim guardei o meu proleslo contra o júri, que recusou alguns trabalhos de Samora Barros — um dos maiores pintores da nova geração, e dos que melhor tem interpretado a paisagem algarvia. Não se compreende esta insólita altitude do júri, que foi de uma escandalosa complacência para com muitos meninos e meninas, que por vaidade própria e a conselho das familias ingênuas, foram dependurar na Sociedade Nacional de Belas-Artes os seus tremendos mamarachos — v. g., entre muitos outros, os que tinham no Catálogo os n.ºs 16, 17, 18, 19, 133 e 136.

REBELO DE BETTENCOURT.

.....

N. da R.—Em virtude de ter estado doente o nosso director artistico, só no próximo numero nos referiremos às exposições dos artistas João José Gomes, M.^{te} Mily Possoz, Lyster Franco, Cerqueira Machado e A. Salazar, Mário de Sousa Gomes, Jorge Barradas, M.^{te} Aninhas Colaço, etc.

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS: ARQUITECTURA
"O ROMANO-GÓTICO EM PORTUGAL"

Por NOGUEIRA GONÇALVES

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Tenente JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE.— OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS.— TÍTULO I.— LIVROS (PROSA)

(CONTINUAÇÃO)

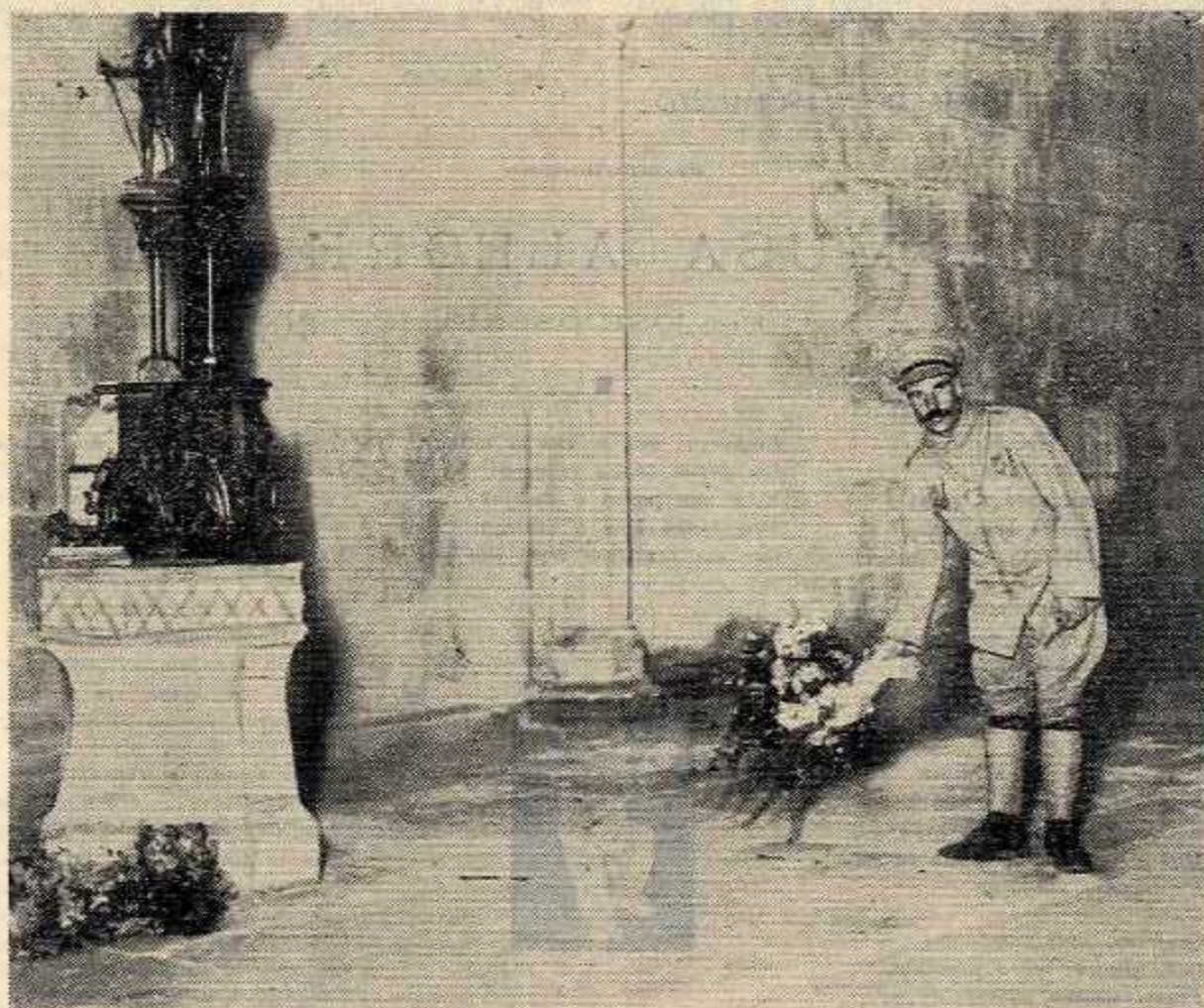
- 89 **Mardel** (Eugénio Carlos... Ferreira)—(Coronel de Infantaria, 2.º Comandante da 4.ª Brigada do C. E. P.—Brigada do Minho)—«A Brigada do Minho na Flandres. (O 9 de Abril de 1918). Subsídios para a história da 4.ª Brigada do C. E. P.»—207 p., c. il. com o desenho da bandeira da Brigada, il. com a fotografia da mesma bandeira e vários mapas e gráficos, (0,085×0,134), Ofic. dos Serviços Gráficos do Exército, Lisboa, 1923. Publicação autorizada pelo Ministério da Guerra. Tem 2.ª edição, 223 p., 1923.
- 90 **Matos** (P. J. Lourenço de)—«O livro do Soldado Português»—138 p., il. e c. il., (0,083×0,143), Empresa Gráfica «A Universal», Porto, 1915, edição da Livraria Figueirinhas, Porto. (Deveres morais do soldado católico, orações, patriotismo, etc.)
- 91 **Mendes** (Adelino)—«Cartas da Guerra. Com o Exército Inglês (Janeiro a Abril de 1917)»—338 p., (0,082×0,135), Renascença Portuguesa, Porto, 1917.
- 92 **Mendes** (Adelino) e Oldemiro César—«A cooperação de Portugal na Guerra Europeia. O milagre de Tancos»—94 p., (0,091×0,162), Empresa Lusitana Editora, Lisboa, s. d., edição de F. A. de Miranda e Sousa. Com um prefácio de Leote do Rêgo, Comandante da Divisão Naval e Deputado. (Notas de reportagem publicadas pelos Autores, respectivamente, nos jornais *A Capital* e *O Século*).
- 93 **Menezes Ferreira** (João Guilherme de)—(Capitão de Infantaria, do 2.º Grupo de Metralhadoras Pesadas do C. E. P.)—«João Ninguém Soldado da Grande Guerra. Impressões humorísticas do C. E. P. 1917-1919»—Album de 56 p. s. n., il. e c. il. pelo Autor, (0,187×0,278), Ofic. dos Serviços Gráficos do Exército, Lisboa, 1921.
- 94 **Idem**—«O fuzilado»—Conto. 31 p., il. e c. il. pelo Autor (0,085×0,117), Imp. Libânio da Silva, Lisboa, 1923. (É o vol. n.º 9 da colecção «Novela Sucesso»).
- 95 **Montalvão** (Justino de)—«França de dor e de glória»—178 p., c. il., (0,078×0,132), Tip. do Anuário Comercial, Lisboa, s. d., (1919), edição da Livraria Portugal-Brasil Lim.ª, Lisboa. (24 cap., crónicas de Paris e Bordéus, Julho de 1914 a Agosto de 1918).
- 96 **Monteiro** (Henrique Sátiro Pires)—(Tenente-coronel do Corpo de Estado Maior, Lente da Escola Militar)—«A Brigada do Minho na Grande Guerra. Discurso proferido no Teatro Sá da Bandeira, em Viana-do-Castelo, no dia 3 de Maio»—folh. 23 p., (0,138×0,213), Tip. da Escola Militar, Lisboa, 1922. Com uma gravura: a bandeira da Brigada do Minho.
- 97 **Monteiro** (Luís Quirino) e José Augusto de Melo Vieira—(Capitães de Inf.ª, do Bat. de Inf.ª 15 do C. E. P.)—«Gambúzios. Soldados da Grande Guerra»—199 p., c. il. pelo Cap. Menezes Ferreira, (0,079×0,130), Tip. das Oficinas Gráficas do Exército, Portvgália-Editora, Lisboa, 1919.
- 98 **Moraes Sarmiento** (José Estêvão de)—(General)—«A expansão alemã, causa determinante da guerra de 1914-1918. Suas tentativas e perigos na África Portuguesa»—347 p., (0,090×0,150), Impr. de Manuel Lucas Tórres, Lisboa, 1919, edição de Guimarães & C.ª, Lisboa.
- 99 **Moreno** (Mateus Martins... Júnior)—(Tenente de Artilharia, do 1.º G. B. A. do C. E. P.)—«De Portugal à Flandres. Cinco cartas de guerra a cinco companheiros de lutas»—folh. 32 p., il. e c. il., (0,074×0,133), Impr. de Manuel Lucas Tórres, Lisboa, 1918, edição da «Alma Nova».
- 100 **Idem**—«A sinfonia macabra. (Máximas da Kultur)»—folh. 44 p., c. il., (0,078×0,114), Tip. América, Lisboa, 1920, edição da empresa literária «Ressurgimento». Tem 2.ª edição, «A sinfonia macabra ou a Alemanha e o mundo», com uma carta-prefácio de Augusto Casimiro, s. l., 1921 e «edição definitiva», il. e c. il. por Roberto Nobre, s. l., 1919.
- 101 **Idem**—«Sangue d'epopeia. A Artilharia Portuguesa na Flandres»—155 p., il. e c. il., com uma fotografia de Arnaldo Garcez, (0,092×0,130), Empresa literária «Ressurgimento», Lisboa, 1921.
- 102 **Muralha** (Pedro)—«A Alemanha perante a Europa»—202 p., il., c. il. por Saavedra Machado, com um prefácio de Alfredo da Cunha, (0,084×0,143), Tip. Leiria, Lisboa, 1914, edição da Liv. Ventura Abrantes, Lisboa. (Tem 2.ª edição).
- 103 **Idem**—«A Bélgica heróica»—197 p., com retrato do Autor, (0,085×0,142), Tip. «A Modesta», Lisboa, 1916, edição da Liv. Ventura Abrantes, Lisboa.

- 104 **Negócios Externos.** Documentos apresentados ao Congresso da República em 1920 pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros. Portugal no conflito europeu. 1.^a parte: Negociações até à declaração da guerra — 255 p., (0,108×0,182), Impr. Nacional, Lisboa, 1920. Publicação oficial.
- 105 **Negreiros (Almada)** — «Portugal na Grande Guerra (Crónicas dos campos de batalha), 1.^o volume: A iniciação dos *Serranos*» — 327 p., il. (0,120×0,190), Imp. Laliure, Paris, 1917, Edição da Livraria Garnier, Rio de Janeiro. Com um prefácio do Dr. Bernardino Machado. 1.^a parte: Na frente britânica; 2.^a parte: Na frente portuguesa (Crónicas publicadas n'«O Século»).
- 106 **Noronha (Eduardo de)** — (Tenente-coronel do Corpo de Estado Maior) — «Episódios dramáticos da Guerra Europeia» — 5 vol. 1.^o vol. 137 p.; 2.^o 128 p.; 3.^o 128 p.; 4.^o 128 p.; 5.^o 128 p., il. e c. il. com fotografias e desenhos de assuntos da Guerra, (0,079×0,135), Empresa Lusitana Editora, Lisboa, 1915.
- 107 **Olavo (Américo ... Correia de Azevedo)** — (Major de Infantaria, do Bat. de Inf.^a 2 do C. E. P.) — «Na Grande Guerra» — 277 p., c. il. por Sousa Lopes (0,082×0,136), Impr. de Manuel Lucas Tórrres, Lisboa, 1919, edição de Guimarães & C.^a, Lisboa.
- 108 **Olavo (Carlos ... Correia de Azevedo)** — (Alferes miliciano de Artilharia, do 2.^o G. B. A. do C. E. P.) — «Jornal dum prisioneiro de guerra na Alemanha, (1918)» — 204 p., (0,082×0,131), Impr. de Manuel Lucas Tórrres, Lisboa, 1919, edição de Guimarães & C.^a, Lisboa. (Tem 2.^a edição, 1920).
- 109 **Oliveira (Manuel d')** — (1.^o cabo-enfermeiro no Bat. de Inf.^a 24 do C. E. P.) — «Notas dum soldado em campanha. Apontamentos, factos e impressões da Guerra Europeia, colhidos nos campos de batalha de França» — 142 p., com retrato do Autor, (0,090×0,146), Tip. Nacional, Aveiro, 1919.

(Continua).

JOSÉ BRANDÃO.

AS COMEMORAÇÕES DO «9 DE ABRIL» E O POVO



O «Soldado Milhões» no templo da Batalha, depositando flores no campo dos «Soldados Desconhecidos», por ocasião das solenidades ali realizadas em comemoração do Esforço da Raça

OS NOSSOS POETAS

SONETO

*No místico jardim onde um cipreste
alonga pelo claustro a sombra escura,
as ervas crescem, mágica verdura,
e os sinos falam no silêncio agreste.*

*Obrigado, Senhor! que ali me deste
a imensa fê e a lírica ternura
para que eu viva, humana criatura,
entre as delicias duma paz celeste.*

*Meu devaneio inquieto — cuido agora —
entre anjos mil e mil formosas servas,
há-de chegar como uma noiva eleita.*

*Contente aguardo a afelecida hora.
Nem sempre os olhos meus verão só ervas
crescendo em torno à minha casa estreita!*

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO.

VERDADE

*QUANDO sinto gemer a nora no quinteiro,
Puxada por um boi, que gira sempre à roda,
Não sei o que lhe encontro, — é quasi o mundo inteiro,
Girando toda a vida, a Eternidade toda!...*

*Enquanto vai andando, acabrunhado e lento,
E se mergulha na água o alcatruz furado,
Instiga-lhe o caminho o próprio movimento;
E volta e vai pisando o sítio já pisado...*

*Água profunda, és tu a imagem da Verdade!
Mas por mais que ande à volta a pobre humanidade,
Buscando o Eterno Bem, o Bem que não se alcança,*

*Como é cada verdade um alcatruz sem fundo,
Não vem matar-lhe a sede o liquido infecundo:
... Bastava uma só gota... e morreria a Esperança!*

28 — Ag. — 25.

PAULO CAVIQUE.

MUSA ALEGRE

CARTA
A UM AMIGO

*Seu peru recebi
Pela festa do Natal,
E não sem custo o comi,
Pois tão gordo era, afinal,
Que até par'cia... o Chaby.*

*Negro, lustroso, anafado,
Um lindo bicho, em verdade,
Mais par'cia encomendado
Para o bôjo alambazado
Da barriga dum abade.*

*Um mimo para brindar
Pessoa de grande culto
— Guindada em alto lugar —,
Mas p'ra mim... «poeta inculto»,
E' deveras singular!*

*Confesso, mui comovido,
Que, quando vi o presente,
Fiquei mesmo aborrecido...
Era bom p'ra toda a gente,
Mas p'ra mim era indevido...*

Por JOSÉ OSÓRIO

*Entfim... que o ano a entrar
Em perus tenha riqueza
E' o que passo a desejar:
Pois tenho bem a certeza
Que em vez dum terei um par.*

COMPANHEIRO
D'ESCOLA

*ENTRE os rapazes da escola
Do meu tempo, havia um
Com pouco tento na bola
E que, sem favor nenhum,
Era rombo da cachola.*

*Mas o garoto, coitado,
Não tinha culpa nenhuma
De não ser bem atilado,
Sendo, sem favor, em suma,
Um burro mesmo chapado...*

*O seu nome, de repente
Não me ocorre... era um Matius
(Isso importa a pouca gente);
Pois vi num jornal, há dias,
Que era agora... inteligente.*

*Com seiscentos mil bezouros
Eu gritei — té que afinal
Conquistou os belos loiros...
Mas, sublinhava o jornal,
Inteligente... de toiros.*



LIVROS & AUTORES



«O Trajo Popular em Portugal nos séculos XVIII e XIX», por Alberto Sousa. Ed. do A.

O distinto aquarelista sr. Alberto Sousa revela-se-nos um notável investigador histórico neste seu formosíssimo trabalho. Esta obra é das que ficam e das que impõem um autor ao aprêço e admiração gerais. Se coligir é tarefa de qualquer, com um pouco de tempo, paciência, gosto artístico e cultura; metodizar, discernindo com consciência e clareza, é, todavia, de muito raros. O sr. Alberto Sousa pode considerar-se no número destes últimos. O seu livro é assim, mais do que um curioso álbum de tipos nacionais, mas, efectivamente, como se propôs realizar, um verdadeiro «núcleo de consulta para os artistas, literatos e comediógrafos que procuram, na ideia de revigorar a tradição, a sentimentalidade e as usanças nacionais, bases primas para erguer a sua forma artística e literária.»

O trabalho gráfico está à altura da obra; honra bastante as oficinas portuguesas.

«A Educação Moral pelos exercícios de redacção», por José Guerreiro Murta, edição da Alma Nova.

Não sei porquê, encontro qualquer similitude entre este pequenino compêndio de ensino e a magistral obra de Jean Jacques Rousseau — *Émile ou de l'Éducation*. É apenas porque em ambos se trata do magno problema da Educação, ou pela analogia de directivas seguidas nos dois volumes? Por estas, principalmente.

Jean Jacques diz: «Tudo aquilo que não temos à nascença e de que temos necessidade, em sendo grandes, é-nos dado pela educação. Esta — diz, completando a afirmativa — vem-nos de três fontes: — da natureza, dos homens, ou das coisas.» E explica: «O desenvolvimento interno das nossas faculdades e dos nossos órgãos, é a educação da natureza; o uso que se nos ensina a fazer deste desenvolvimento é a educação dos homens; o ensinamento adquirido pela nossa própria experiência sobre os objectos que nos afectam, é a educação das coisas.»

O dr. Guerreiro Murta, ao pensar e coligir os exercícios do seu livro, não se esqueceu também destas fundamentais normas de psicologia educativa. O espírito dos alunos, principalmente das Escolas primárias e das primeiras classes dos liceus, germen intelectual que apenas desabrocha, está sujeito a idênticas influências. Convém, no entanto, fazer aí preponderar a educação dos ho-

mens, sem desprender, todavia, o indivíduo demasiadamente dos objectos que o cercam e da natureza em si. Isso fez o ilustre professor. E não é este, afinal, o escopo da própria pedagogia moderna?

O livro do Dr. Murta, com os seus exercícios e planos, é além disso um precioso auxiliar para o professor no ensino da redacção. Merecia, por isso, que todos os estabelecimentos de ensino o não ignorassem.

«Lendas de Portugal — Contos de Mouras Encantadas», por Luís Chaves, com ils. de J. R. Silva; e

— «Adágios Portugueses», por António Delicado, nova edição revista e prefaciada por Luís Chaves. Ed. da Livraria Universal — Lisboa.

O ilustre escritor etnógrafo sr. Luís Chaves, conquistaria o nosso melhor aprêço com a publicação destes livros, se ele de há muito não fôra por nós considerado não só um excelente escritor de assuntos etnográficos e arqueológicos, mas ainda, dentre os novos, um dos nossos mais apreciáveis eruditos.

Lendas de Portugal, são uma feliz colectânea dalguns dos mais belos contos das *Mouras Encantadas* de quasi todo o país, postos num estilo leve e embalador. São, no Algarve, os da Moura de Silves, da Moura do Milreu (em Estoi) e o da moura Cassima, de Loulé, a mais gentil de todas; são, no Alentejo, o da Moura de Avis e da do Poço (em Extremoz); é o de Zara, a Moura de Sintra; é o de Basília, no seu perpétuo encantamento, da Fraga da Moura, na Beira-Alta; é o da Moura de Algosó, lá-riba, nas dobras da serra transmontana, e os das Mouras de Óbidos e do Caramulo, enfim, Portugal inteiro, numa roda formosíssima de encanto — evolvendo-se em tenuíssima névoa de Sonho e de Saúde!

Ei-las! É o autor que assim as vê perpassar, como um símbolo do nosso *etnos*, e no-las descreve, na sua ronda.

Eu sou uma borboleta,
Vivo do ar e da luz;
Andando vou pelo mundo
Co'as minhas asas azuis.

Adeus, ó terras, adeus,
São já horas de partir;
No meio das lindas flores
Vou-me deitar a dormir.

«Cruzam-se os cantos. Corre a noite. Elas vão para a encruzilhada. A cruz domina a serra na

explanada; na claridade nocturna parece maior. Aos pés da serra estende-se a paisagem. Muito longe, brilha como um espelho o mar, quando a lua começa a ver-se por detrás das serras.

A primeira a chegar é Cassima, a moura mais gentil da nossa terra. Não manqueja. Traz ao peito o mais rico e lindo colar de pérolas, que pode ser dado ver; as lágrimas choradas, ao ver-se afastada para sempre das irmãs, transformaram-se nas pérolas, que ela enfiava uma a uma em um dos seus cabelos, negros como a noite. Traz saudades dos canaviais de Loulé.

Veem outras. Chegam constantemente, de todos os lados, de todos os caminhos. De entre todas sobressai uma, que vem a cavalo no arção, e onde a segura um cavaleiro de branco, de cabelos de ouro pousados nos ombros, cingindo-a ao peito forte.

E é Portugal inteiro — é a Tradição, é o Amor, é a Glória Portuguesa assim elevando em triunfo esplêndido, em sonho indefectível, a alma maravilhosa e simples da raça.

Dos *Adágios Portugueses* do Padre António Delicado escreve o sr. Luis Chaves:

«Dos dois colleccionadores de adágios no seculo XVII, D. Francisco Manuel de Mello, e o licenciado Antonio Delicado, foi este o que colligiu com espirito, diríamos ethnografico ou restrictamente folklorico, os adágios. Porque D. Francisco Manuel de Mello se serviu d'elles para o dialogo da *Feira de Anxins*, que á força de trocadilhos, dispersão do adagio, monotonia da fala, é um enfado. O licenciado procura apresentar o adagio por si, como coisa simples que é, nua e crua, sem mais artificios que o da methodização.»

E conseguiu, de facto, obra meritória.

Sobre o valor e raridade da edição primitiva, refere-se Inocência:

«Esta obra, de que não pude obter algum exemplar, é pouco vulgar no mercado, e quando aparece vale ordinariamente de 1\$200 até 1\$600 rs. O sr. Figueiredo me fez ver um exemplar que possui, assás bem tratado e tambem vi outro na livraria do Extinto Convento de Jesus.»

«O Amor e a Guerra» — Contos de Andrade Gomes, capa de Alberto Sousa e vinhetas de Sousa Gomes. Edição «Portvgalia» — Lisboa.

Não é destituído de interesse este livrinho. No seu autor encontram-se, através das 69 páginas que constituem o volume, predicações de verdadeiro contista. Há espirito de observação, análise, certa lógica no enredo e mobilidade no imprevisto. O *Manuel da Regada*, por exemplo, é um conto curioso e de característica pintura local. *Amor heróico*, também não é mau. Já em *A morte do expedicionário* há menos estudo e uma intenção antimilitarista talvez deslocada. Um dos defeitos que encontramos no livro é o de

quasi todos os seus contos terminarem com a morte do protagonista.

«Terras de Fogo» — Novelas de Julião Quintinha. Capa de Bernardo Marques. Ed. do A.

Com a 2.^a edição do curioso livro de novelas algarvias — *Vizinhos do Mar* — appareceu recentemente este novo volume de Julião Quintinha, — novelas alentejanas —, o qual já vai também para a 2.^a edição.

Terras de Fogo é, como obra literária, um livro que categorizaria qualquer escritor. Há nas suas páginas um hálito de emoção e tragédia tão penetrante, que a ele não podemos ficar insensíveis. E' possível que assim não opinem inteiramente os scientistas da língua, mais preocupados com o invólucro filológico, de tessitura nem sempre impecável, do que com o conteúdo da frase — ou seja o pensamento do artista. Isso não importa, porém; o nosso aprêço é principalmente para esse fogo íntimo de que o autor soube animar a rudeza dos seus dramas. E' na composição das scenas e na apresentação dos personagens que devemos procurar o artista. Há aí pequenas notas de ambiente que são verdadeiras pinceladas de mestre. Este pequeno trecho da novela de abertura é nesse ponto particularmente revelador:

«Meio dia d'Agosto, a terra estala de sede exalando hálitos calcinantes; no ar turvo fremem avermelhadas cinzas de vulcão, e o Sol, como um químico bêbado, acendeu os altos fornos não se importando de rebentar o Orbe com calor. Parece que mãos invisíveis, só por maleficio, andaram polvilhando a terra com escuma ardente, incendiante lava de cobre e zinco de que os olhos fogem com anseio oftálmico; e até os próprios cães, à sombra d'almenaras, de língua fora, a arfar, dormitam, sonhando talvez com as frescas alvercas do mês d'Abril.»

«Versos dum louco», por Armando do Carmo. Ed. da *Folha de Alé*.

Armando do Carmo é um jovem poeta cuja lira se revela ainda muito hesitante. Há no livro certas composições que o autor devia de cuidar mais ou não publicar. O título também não foi dos mais felizes. Notam-se já, todavia, bastantes qualidades.

M. M.

NOTICIÁRIO:

Leoni, por Leonel. Ed. Portvgalia. — Lisboa, 1923. — No próximo número se referirá a este excelente livro o nosso critico literário Dr. Guerreiro Murta.

Guia de Santarém, por José Osório. Também no próximo número dirá M. Silva algumas palavras sobre este livro.

D. Rogelio Buendia — Huelva. Recebemos o seu cartão. A critica a «La rueda de color» será feita brevemente. O que veio foi uma simples noticia de recepção. O livro merece mais. Têmbola lhe chamámos, não com um sentido menos lisonjeiro, mas sim como imagem tanto quanto possível representativa da polifonia admirável que o livro é. Agradecemos noticias e a prometida colaboração.



TEATRO · MÚSICA · CINEMAS



ORIGINAIS PORTUGUESES E COMPANHIAS ESTRANGEIRAS

SE bem que relativamente fecunda, não foi todavia feliz em peças novas a última temporada teatral. Dos vários originais portugueses subidos à scena no que devia ser o nosso primeiro teatro, só dois ou três agradaram e conquistaram direito a *reprise*. Foram as excelentes peças históricas *O Pasteleiro do Madrigal* e *O Crime de Arronches*, respectivamente de Augusto de Lacerda e Henrique Lopes de Mendonça, e ainda a felicíssima comédia de Lorjô Tavares, *Os Ingleses*. O *Auspicioso enlace* de Carlos Selvagem e André Brun foi... pouco auspicioso. Do resto, que dizer? O silêncio, neste capítulo, é de ouro.

Quanto às figuras de declamação, embora reconheçamos que a principal figura feminina do elenco — M.^{lle} Ester Leão — faz progressos, de dia para dia, achamos falta duma grande actriz neste teatro — daquela grande actriz que dentro dalguns anos deverá ser, porque tem qualidades para isso, M.^{lle} Ester Leão. Se a recentíssima peça *Dentro do Castigo*, de Norberto de Araújo, não teve outro merecimento, não lhe tiremos ao menos este — de nos revelar em Ester Leão qualidades bastantes para ser dentro em breve uma das nossas maiores artistas.

Passemos ao S. Luís. Neste teatro também se representaram alguns originais portugueses.

A opereta de D. José Paulo da Câmara e Feliciano dos Santos — *As Andorinhas* —, tema gracioso e leve, como requiere o género —, agradou mais do que a *Lenda do Templo* de Silva Tavares, temperamento mais propenso ao drama.

O S. Luís teve, no elenco artístico, uma curiosa figura feminina, na actriz Ausenda d'Oliveira, e um excelente cómico, em Vasco de Santana.

No Politeama, onde uma das nossas melhores artistas é ao mesmo tempo figura principal e empresária, também se representaram alguns originais novos e traduções felicíssimas. A invocação histórica *A La Fé*, do laureado dramaturgo Alfredo Cortez, foi bela de interesse e surpreendente nos cenários. Aprecia-se sempre no Politeama o ambiente scenográfico, no qual Amélia Rey Colaço não colabora simplesmente como actriz de elevadas qualidades dramáticas, mas como verdadeira e inconfundível artista — no arranjo das scenas, na co-

locação dos móveis e na distribuição das luzes e de todos os pequeninos nadas que fazem o encanto duma casa. Está-se ali bem, parece que se sente um certo conforto espiritual.

Do mais, que nos recorde, pouco temos a dizer. A grande Lucília, o admirável Chaby e a inteligente e curiosa característica do saudável *Gimnástico* — Maria Matos —, quasi toda a época em *tournee* pela provincia e pelas ilhas, só agora regressam.

... Mas é curiosíssimo, embora lamentável, o snobismo desta sociedade alfacinha. Enquanto muitos dos nossos melhores actores e actrizes se vêem forçados a sair de Lisboa, para darem, como empresários, um pouco de equilíbrio aos seus balanços administrativos, companhias estrangeiras de toda a procedência, e algumas até fraquíssimas, encontram nos nossos próprios palcos um verdadeiro maná. Um original português sobe à scena e quasi ninguém vai vê-lo, embora a preços modestísimos; chega qualquer companhia estrangeira, pagam-se assinaturas a peso de ouro, ninguém percebendo que isso é uma inteligente maneira de chuchar com a pseudo-intelectualidade dos que lá vão, — dos que lá vão, muitas vezes, mais para mostrar-se do que para apreciar, mais por vaidade inflada do que por deleite artístico —, e os teatros enchem-se, e excedem-se as lotações, e ganham dinheiro os contratadores, e os *chauffeurs* envergam o uniforme de *gala*, as meninas decotam-se mais e os *dandys* deitam *smoking*.

¿São boas todas as companhias que nos visitam, para que isto suceda com quasi todas? ¿São óptimas e dignas, — são mesmo próprias para serem ouvidas pelos ouvidos castos da nossa alta sociedade, todas as peças representadas?

Não é nosso intuito ferir qualquer empresa ou companhias, em especial, mas manda-nos o dever que não ocultemos a verdade. Muitas das peças representadas pela maioria das companhias estrangeiras que nos visitaram, eram tanto ou ainda mais imorais que muitas das que entre nós foram execradas como tal.

Há apenas uma diferença... é que não eram representadas em português...



AMÉLIA REY COLAÇO, no camarim

BREVEMENTE:

COMO SE PINTAM AS NOSSAS ACTRIZES

Por LUÍS D'OLIVEIRA GUTMARÃES

M. M.

A VOZ DAS PROVÍNCIAS

MINHO

E dever de todos que amam a sua terra natal defendem-na de qualquer acto de hostilidade ou menos-prêzo.

Como verdadeiro amante do meu país, cada vez mais vejo, por isso, acentuar-se a necessidade duma forte organização regionalista, de modo a serem convenientemente zelados e protegidos os interesses locais. A fundação de grêmios das diversas províncias na capital e a organização dos congressos e exposições industriais e agrícolas, são já abundantes manifestações de vitalidade regional nesse sentido. Convém, no entanto, difundir os exemplos dignos de registo. Assim Lisboa deixará de dispor, por vezes, das províncias, sem consultar primeiro os seus verdadeiros interesses.

Nesta página da *Alma Nova*, dirá cada provincia ou simples povoação o que fôr de justiça.

Caminho de Ferro do Cávado.

Eis um assunto que prendeu durante algum tempo as atenções da capital minhota.

Está sobre ele pendente do Parlamento a votação dum projecto de lei, segundo o qual será concedida a uma empresa particular o direito da construção e exploração dos Caminhos de Ferro do Cávado, obra não só importante mas de considerável interesse para a provincia.

O Gerez.

O Gerez é um dos pontos mais pitorescos e aprazíveis do país. O sábio-botânico Dr. Júlio Henriques considera-o a serra mais bela de Portugal. Dotado, para

estância, das maiores riquezas naturais, está, todavia, no mais deplorável estado.

Pensaram, no entanto, e bem, alguns desvelados admiradores da região começar a trabalhar a sério para o seu desenvolvimento, tendo já há tempos vários portuenses constituído uma empresa para exploração das suas águas, nobre empreendimento em que são muito dignos de louvor o Ex.^{ma} Sr. Dr. Domingos Ribeiro Braga e toda a Direcção do Banco do Minho.

Tudo nos leva, pois, a crer que o Gerez, dentro de pouco tempo, ocupará entre os estabelecimentos termas do país um lugar de justo realce. Entre outras obras de construção imediata, parece que está assente a dum *balneário* e um grande *Hotel* com todas as comodidades modernas.

M. SILVA.

ALGARVE

Vila Real-de-Santo António.

Vila Real-de-Santo António, importante vila algarvia, no extremo Sueste de Portugal e fronteira da Espanha, tem-se affirmado ultimamente por algumas lições de verdadeiro regionalismo. O seu porto, que é um dos melhores do Algarve, vai ser brevemente apetrechado, parece que simplesmente á custa do esforço local, e também por iniciativa particular vai ser construído um hotel, que nos garantem poder chamar-se modelar.

Adentro das indústrias da conserva e da pesca, que são a principal riqueza da Vila, estão-se envidando esforços para que esta seja o local escolhido para a utilização dos produtos da baleia, cuja pesca será feita nos mares do estreito, por uma companhia d'este importante centro industrial.

AMIGOS DA "ALMA NOVA"

Assim consideraremos todas as pessoas que por qualquer das formas seguintes desejarem cooperar no programa da nossa revista:

1.^o — Assinando e recomendando a *Alma Nova* às pessoas das suas relações, e obtendo e pedindo a cada novo assinante que por sua vez consiga o maior número de assinaturas de pagamento garantido;

2.^o — Concedendo ou angariando quaisquer subsídios para desenvolvimento geral do programa da *Alma Nova*, ou de qualquer das suas secções;

3.^o — Anunciando ou fazendo anunciar na *Alma Nova*, invocando a larga distribuição da mesma por todo o país, ilhas e colónias, como garantia da utilidade comercial desses anúncios.

Novos «Amigos» inscritos (Continuação):

65 — Dr. ^a Branca Lopes Martins, Prof. ^a e Escritora, Porto	
66 — Dr. Vicente J. Esteves Cardoso, Min. das Colónias, Lisboa	
67 — J. Fernandes Anguinha, Ollhão	
68 — António João Afonso, Coimbra	
69 — José Francisco Graça Mira, Alentejo	
70 — Dr. Maurício Monteiro, Loulé	
71 — Tenente Fernando d'Oliveira, Figueira-da-Foz	
— Eugénio Mariz Costa, Lisboa	
— F. Carmo e Cunha, Min. do Comércio, Lisboa	
— Cruz Magalhães, Escritor e Poeta, Lisboa	

Assinaturas angariadas	Subsídios
4 — Anuais	100\$00
3 — Semestrais	—
5 — Anuais	—
1 — Anual	—
3 — Semestrais	—
1 — Trimestral	—
1 — »	—
12 — Anuais	—
14 — »	—

É condição indispensável a todo o bom «Amigo» da ALMA NOVA angariar pelo menos um novo «Amigo». Registaremos também com reconhecimento quaisquer subsídios ou donativos especiais a favor dum maior desenvolvimento da revista.

Todos os «Amigos» têm o desconto de 20 % nas suas assinaturas e 10 % nas demais obras editadas pela Empresa «Ressurgimento».

BIBLIOTECA DA "ALMA NOVA,"

(EDIÇÕES RESSURGIMENTO)

Pedidos à C. João do Rio, 8-1.º — Lisboa

- Sangue d'Epopeia — A Artilharia Portuguesa na Flandres, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1 vol. illust., broch., 5300; carton. 15500
- De Portugal à Flandres, id., broch. 1500
- Sinfonia Macabra — Máximas da Kultur, id., id. 1500
- Minha Pátria — Poema em 3 livros e 3 jornadas, id., id., 2.ª edição, broch., 3500; carton. 7550
- Cantigas (2.ª edição), por REBELO DE BETTENCOURT. 1 vol. broch. 2550
- Odes de Anacreonte, por LUÍS CALADO NUNES. 2550
- Campanhas Camilianas, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES. 1 vol. broch., com ils. de Rafael Bordalo 5500
- A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES. 1 op. ils. 1550
- O Inverosímil — Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINCHA DE NADAVALE (CRUZ MAGALHÃES). 2500
- A Educação Moral — Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA. 4500
- Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES. 3550
- O Desenho e as Mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo, por SAAVEDRA MACHADO; edição de luxo, formato grande e profusamente ilustrada (a entrar no prelo).
- Eça de Queirós — Revelações íntimas, por uma illustre senhora de sua família e grande intimidade D. C. D'EÇA DE MELO, edição ilustrada (a entrar no prelo).

CAMPAÑHAS
CAMILIANAS

— POR —

OLDEMIRO CÉSAR

E

ERUZ MAGALHÃES

(Com illust. de Rafael Bordalo)

Vol., broch.: 5500

(Nas remessas pelo correio mais 550)



Camilo Castelo Branco

Livraria Sá da Costa

Poço Novo, 24

2, Travessa do Convento de Jesus, 6
LISBOA

Telef. C. 3541.

Livros de estudo e em todos os géneros

Depositária das edições da "ALMA NOVA"

COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.^{da}

: Sede: Rua da Boavista, 307 :

Sucursal: Rua do Almada, 123

== PORTO ==

Obras sobre Camilo
e de Camilo C. Branco

- Amor de Perdição, ed. esp. 10500, ed. pop. 5500
- Camilo C. Branco e Dr. Miguel Bombarda, por PAULO OSÓRIO. 1 vol. 5550
- Cartas Notáveis de Camilo, apreciações de J. C. A. MOTA JÚNIOR. 1 vol. 5500
- Casa de Camilo. Crítica à sua reconstrução por J. PAULO FREIRE. 1 vol. ilustrado. 3500
- Delitos da Mocidade, por CAMILO CASTELO BRANCO. 1 vol. 6500
- Formosa Lusitânia, por CATARINA C. LADY JACKSON, trad. de CAMILO C. BRANCO. 1 vol. luxuosamente encad. 30500
- Manual Bibliográfico, por R. P. MATOS, com prefácio de C. C. Branco — obra rara. 1 vol. 50500
- Memórias do Tempo de Camilo, por ALBERTO PIMENTEL. 1 vol. 7550
- Narcóticos, por C. C. BRANCO. 2 vols. 10500
- Perfil do M. de Pombal, por C. C. Branco. 1 vol. 7550
- Rapsódia Camiliana, por ANTÓNIO JOAQUIM. 1 vol. 5500
- Segredo do Eremita, por SA D'ALBERGARIA. 5 vol. 20500
- Scenas da Hora Final, trad. por C. C. BRANCO. 1 v. 3500
- Uma visita a S. Miguel de Seide, por A. Pimentel. 1 vol. 2500
- Vinte cartas de Camilo, por JOSÉ CALDAS. 1 vol. 6500
- Camilo, sua vida, génio e obras, por PAULO OSÓRIO. 1 vol. 10500

INSTITUTO NACIONAL
DE ENSINO POR CORRESPONDÊNCIA

L. TRINDADE GOELHO, 6

== LISBOA ==

Cursos de Escrituração por partidas simples e dobradas, Contabilidade, correspondência comercial e prática de comércio :

A duração dos cursos depende do tempo que o aluno puder dispensar ao estudo; sendo possível fazer qualquer deles em 3 meses, ou em menos tempo.

Não é necessário sair de casa nem prejudicar as ocupações habituais. Resultados superiores aos que se obtêm geralmente no ensino em classe. Matrícula em qualquer dia do ano. Diploma no fim dos cursos.

O I. N. de E. por Corresp., fundado em Janeiro de 1919, tem alunos em todo o continente, ilhas, colónias, Brasil, E. U. da América e outros países.

Peçam os prospectos que são fornecidos gratuitamente com todos os esclarecimentos para a matrícula

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS
DESENHO — CÓPIA DE MÚSICAS
TRADUÇÕES E GRAVURAS

■ EXECUTAM-SE ■

COM RAPIDEZ, PERFEIÇÃO E ECONOMIA
NA EMPRESA "RESSURGIMENTO"

:::: EDITORA DA "ALMA NOVA" ::::

SE É PATRIOTA, AJUDE A MANTER A "ALMA NOVA", ASSINANDO-A

■

**VERSÃO
DE
FIDE-
LINO
DE
FIGUEI-
REDO**

■



■

**CAPA E
ILUS-
TRAÇÕES
DE
SAAVEDRA
MA-
CHADO**

■

O LOVCO AMOR

NOVELA

DE D. RAMÓN MARIA TENREIRO
A OFERECER COMO BRINDE
AOS NOSSOS ASSINANTES
: : EM UMA ELEGANTE BROCHURA : :

Resolveu a ALMA NOVA interromper a publicação da emocionante novela *El loco amor*, que, devidamente autorizado pelo seu autor e grande amigo de Portugal D. Ramón Maria Tenreiro, o Dr. Fidelino de Figueiredo expressamente traduziu para a nossa revista. Será, porém, concluída a sua publicação em um formoso voluminho, a que se reunirá a parte já saída na revista e uma brilhante carta-prefácio de Fidelino de Figueiredo. Dêste volume vai ser tirada uma edição especial para venda e outra para distribuir, como «brinde», pelos nossos colaboradores e assinantes que o solicitarem, enviando um escudo, para despesas de porte, à Administração da revista—C. João do Rio, 8-1.º, Lisboa.

RECEBEM-SE PEDIDOS DE INSCRIÇÃO
.... PARA UMA EDIÇÃO DE LUXO